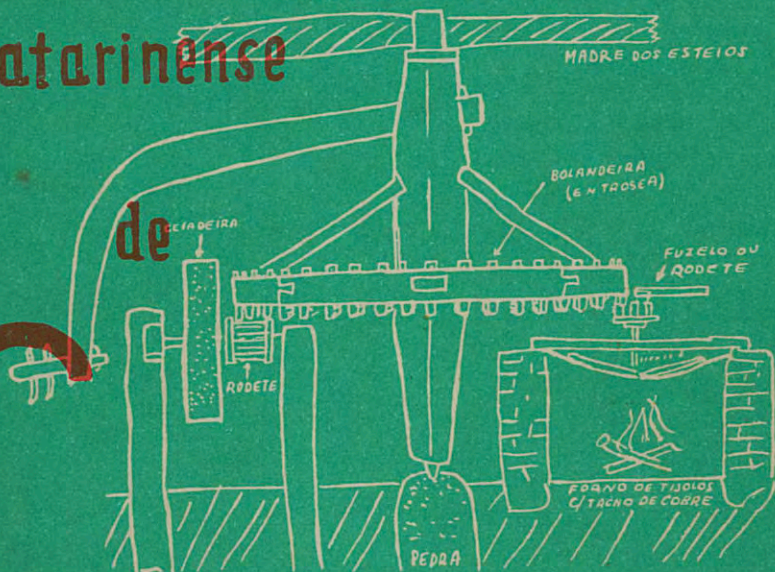


20951

Biblioteca Pública do Estado  
Setor de Santa Catarina

Boletim da  
Comissão  
Catarinense

ENGENHO DE FARINHA  
TIPO DE CENTRO OU MOLHE



- 12 -

Unitermo

ANO: 1979 / - nº 32

Pede-se permuta  
Pidesse canje  
We ask exchange  
Si richiede lo scambio  
On demande l'échange  
Man bitet um Austausch  
Oni petas intersangon

Comissão Catarinense de Folclore  
Presidente: Doralécio Soares

Comissão da Revista: Doralécio Soares,  
A. Seixas Netto, Vitor A. Peluso Jr.,  
Jaldyr B. Faustino da Silva, Nereu do  
Vale Pereira, Roberto Kel, Iaponan S.  
Araujo e Theobaldo Costa Jamundá.

Endereço para correspondência: Rua Julio Moura, 28, 1o. and.  
88.000 – Florianópolis – Santa Catarina – Brasil

Edição patrocinada pela Fundação Nacional  
de Arte/Campanha de Defesa do Folclore  
Brasileiro (DAC-MEC) e Fundação Catarinense de Cultura



BIBLIOTECA UNIVERSITARIA

---

Class. \_\_\_\_\_  
 Reg. \_\_\_\_\_  
 Data \_\_\_\_\_

In vendita  
 presso  
 la libreria  
 di via  
 ...  
 ...  
 ...

...  
 ...

...  
 ...  
 ...  
 ...

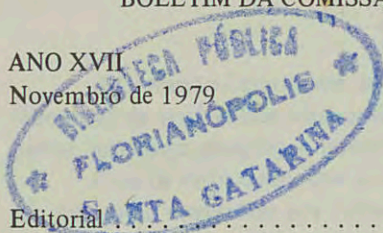
...  
 ...

...  
 ...  
 ...

BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

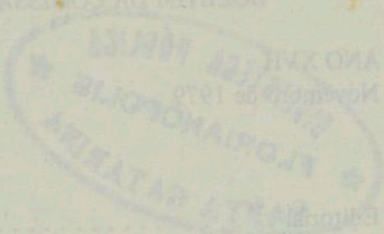
ANO XVII  
 Novembro de 1979

Número 32



ÍNDICE

Editorial . . . . .	Doralécio Soares . . . . .	5
<b>Gente de Casa.</b> . . . . .	Redação . . . . .	7
Astronomia Popular da Ilha de Santa Catarina. . . . .	A. Seixas Netto. . . . .	9
A Marca do Gado . . . . .	João dos Santos Areão . . . . .	12
Rendas e Rendeiras . . . . .	Doralécio Soares . . . . .	17
Culinária Serrana de São Joaquim. . . . .	Teófilo Matos . . . . .	25
“Indústrias” Rurais Populares (Ensaio)	Nereu do Vale Pereira. . . . .	28
<b>Gente de Fora.</b> . . . . .		28
Meu São Braz, Dindinha Lua . . . . .	Flávio José Cardozo . . . . .	37
Contribuição do Índio ao Folclore Brasileiro. . . . .	Maria de Lourdes Borges Ribeiro . . . . .	39
Reprodução Constante da Mostra do Folclore Infantil Gaúcho no Instituto Gaúcho de Tradição e Cultura . . . . .	Glaucus Saraiva. . . . .	42
<b>NOTICIÁRIO.</b> . . . . .	Redação . . . . .	44
Folclore na Educação. . . . .	Redação . . . . .	44
Folclore nas Escolas (São Francisco do Sul) . . . . .		44
Boi-de-Mamão em Disco . . . . .	Redação . . . . .	46
Funarte Lança Novas Edições Sobre o Folclore Brasileiro. . . . .	Redação . . . . .	48
Programa da Fundação Catarinense de Cultura . . . . .	Entrevista . . . . .	48
Festa Crioula Reúne Vários Grupos do Vale . . . . .	Redação . . . . .	49
VII Festival de Inverno de Itajaí. . . . .	Redação . . . . .	50
Feira de Arte e Artesanato em Joinville	Redação . . . . .	51
<b>LAGES: Arte do Povo – Dos Salões</b>		
Eruditos aos Bairros Populares. . . . .	Redação . . . . .	51
Lançado na Fundação Catarinense de Cultura, Livro Sobre Nosso Folclore . . . . .	Transcrito do Jornal O Estado . . . . .	57
A Volta do Pão Por Deus . . . . .	Celestino Sachet . . . . .	57
Concurso Marechal Rondon 1979. . . . .	Redação . . . . .	59



ÍNDICE

2	.....	.....	.....
7	.....	.....	.....
9	.....	.....	.....
13	.....	.....	.....
17	.....	.....	.....
25	.....	.....	.....
28	.....	.....	.....
28	.....	.....	.....
33	.....	.....	.....
39	.....	.....	.....
43	.....	.....	.....
44	.....	.....	.....
44	.....	.....	.....
44	.....	.....	.....
45	.....	.....	.....
46	.....	.....	.....
48	.....	.....	.....
49	.....	.....	.....
50	.....	.....	.....
51	.....	.....	.....
51	.....	.....	.....
52	.....	.....	.....
53	.....	.....	.....
53	.....	.....	.....
56	.....	.....	.....

# NOTA

A Comissão Catarinense de Folclore volta a editar o seu Boletim, com a colaboração de seus velhos companheiros que continuam atuantes, procurando despertar, nas novas gerações, o interesse pelo estudo das nossas raízes culturais.

Creemos entretanto, que mais cedo ou mais tarde, estas gerações descobrião que estão envolvidas por culturas não condizentes com nosso meio nacionalizante e despertarão, civicamente, a cultivar o que de mais belo e puro nos legaram nossos antepassados.

## **Estatutos das Comissões Estaduais de Folclore**

Regulamentadas por um Estatuto expedido pela Comissão Nacional de Folclore em 01.09.78, as Comissões Estaduais passaram a reger-se por este instrumento que estabelece as suas atividades.

Conforme regulamenta o mesmo, foram mantidos os atuais Presidentes e foram eleitos um Vice-Presidente, Secretário, Tesoureiro e um Conselho Consultivo.

A Comissão Catarinense ficou assim constituída: Presidente: Doralécio Soares; Vice-Presidente: Vitor Peluso Junior; Secretário: Iaponan Soares Araujo; Tesoureiro: Cléa Mendes Brito; Conselho Consultivo: Maria do Carmo Pinto, Amaro de Seixas Ribeiro Netto, Walter Fernando Piazza, João do Santos Areão, Jaldyr Faustino da Silva, Nereu do Vale Pereira, Theobaldo Costa Jamundá.

## **Fundação Catarinense de Cultura**

Para os que militam nos meios culturais catarinenses, a criação da Fundação Catarinense de Cultura, veio preencher um vazio na liderança cultural, cousa que muito se fazia necessário.

Como órgão executivo da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, a sua direção foi entregue ao jovem professor João Nicolau Carvalho, que reúne excepcionais qualidades e larga experiência cultural, tendo como apresentação a condição de ter sido Reitor da UDESC, "Universidade Para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina", onde cumpriu marcante atuação.

Em nossas páginas, transcrevemos uma entrevista concedida por S.S., a um dos órgãos de imprensa da Capital, onde traça o seu programa para dinamização da cultura catarinense.

Doralécio Soares





## GENTE DE CASA

Nesta secção do nosso BOLETIM, apresentamos os trabalhos dos Membros da Comissão Catarinense de Folclore; são, portanto, resultados de pesquisas oficiais da Comissão e, por consequência, seu acervo cultural.

- 1 — ASTRONOMIA POPULAR DA ILHA DE SANTA CATARINA, do folclorista, astrônomo, meteorologista, jornalista A. SEIXAS NETTO, autor de livros sobre suas especialidades e membros de diversas Academias e Institutos no Brasil e no Exterior. Vice-Presidente do Conselho Consultivo da Comissão Catarinense de Folclore. Estuda, no seu trabalho, os usos duma Astronomia empírica para orientação no mar; uma **Astronomia de marear** composta, simplesmente, de alguns elementos fundamentais no Céu para “amarrar” a navegação ao ponto de partida. Trabalho de pesquisa original.
- 2 — A MARCA DO GADO, do folclorista e professor João dos Santos Areão, membro da Comissão Catarinense de Folclore. Estuda e expõe as marcas de propriedade do gado no Planalto Catarinense, especificamente na zona de São Joaquim. Um documentário útil para referência dos criadores de gado que, observando-o, podem evitar repetição de “marca”.
- 3 — RENDAS E RENDEIRAS, do folclorista e jornalista Doralécio Soares, Presidente da Comissão Catarinense de Folclore. O assunto é de importância para efetivação duma história da evolução e da permanência do artesanato da Renda de Bilro na Ilha de Santa Catarina. O autor se especializa no assunto desde muitos anos, tornando-se, deste modo, um “expert” na matéria.
- 4 — CULINÁRIA SERRANA, Região de São Joaquim. Jornalista e Folclorista, Teófilo Matos, é membro da Comissão Catarinense de Folclore, atuando na Região Serrana, Município de São Joaquim, onde representa a Comissão. Estancieiro e político, encontra tempo para se dedicar às lides jornalísticas, atuando como colaborador do Correio do Povo de Porto Alegre, e Jornal “O Estado” de Santa Catarina.
- 5 — FOLCLORE ERGOLÓGICO — “Indústrias”, rurais populares. (Ensaio) Prof. Nereu do Vale Pereira-LD e Doutor em Sociologia da UFSC, é membro da Comissão Catarinense de Folclore. Autor de várias obras dentro da Sociologia, teve lançada, recentemente, pela Editora Lunardelli, “Desenvolvimento e Modernização”, focalizando os vários aspectos manifestos no desenvolvimento de Florianópolis.

O presente trabalho, à guisa de “Ensaio”, foi motivado por recente pesquisa realizada nas Ilhas dos Açores, onde o prof. Nereu se deteve a analisar as origens, que deram motivo à existência dos engenhos de farinha na Ilha de Santa Catarina.

Nesta secção do nome HORTELA apresentamos os trabalhos dos membros da Comissão Organizadora de Estudos e de Estudos, resultados de pesquisas oficiais da Comissão e, por consequência, seu serviço cultural.

1 — ASTRONOMIA POPULAR DA ILHA DE SANTA CATARINA. Os folhetos astronomicamente apresentados foram A BOLA DE NETO, autor de livros sobre essas esferas e membro de diversas Academias e Instituições no Brasil e no Exterior. Vice-Presidente da Comissão Organizadora da Comissão Organizadora de Estudos. Estes, no seu trabalho, os seus estudos astronómicos em-guia para o trabalho no mar; mas também de outros trabalhos apresentados em algumas exposições e trabalhos realizados no CEN para "manter" a tradição do estudo. Trabalho de pesquisa original.

2 — A MARCHA DO GADO. Os folhetos e professor João dos Santos Aires, membro da Comissão Organizadora de Estudos. Estudo e expõe as razões de importância do gado no Estado Catarinense e especialmente os seus estudos. Um documento de 1911 para referência dos estudos de gado que observando podem evitar a extinção de "matas".

3 — BÊNEDAS E BENEDETTAS. Os folhetos e jornalista Doroteo Soares, Presidente da Comissão Organizadora de Estudos. O estudo é de importância para a história do Estado de Santa Catarina e de importância do trabalho de BÊNEDAS e BENEDETTAS na ilha de Santa Catarina. O autor se especializa no estudo desde muito tempo tornando-se deste modo um "exper" no assunto.

4 — CULTURA BENEDETTA. Região de São Joazeiro. Jornalista e folhetista Teófilo Mattos e membro da Comissão Organizadora de Estudos. Trabalho na Região de São Joazeiro, Município de São Joazeiro, Santa Catarina, apresentando a história, geografia, economia e cultura para se dedicar as ideias fundamentais, estudos sobre a história do Estado de Santa Catarina e Jornal "O Estado de Santa Catarina".

5 — FOLHETO BENEDETTA. — "Folhetos", revista popular. (Em estudo). Autor de Vozes de São Paulo em São Paulo. (Em estudo). Membro da Comissão Organizadora de Estudos. Autor de vários estudos de Sociologia, Geografia, História, etc., publicados em vários aspectos manifestados no trabalho de pesquisa.

O presente trabalho é uma de "Bênedita", foi realizado por pesquisa de fontes realizadas nos livros de "Bênedita", foi realizado por pesquisa de fontes, as origens, que devem levar a existência dos estudos de história na Ilha de Santa Catarina.

# ASTRONOMIA POPULAR DA ILHA DE SANTA CATARINA

A. SEIXAS NETTO

(Da Academia Catarinense de Letras e da Comissão Catarinense de Folclore)

Ainda permanece em uso, embora reduzida a poucos utilizantes, e, por consequência, folclore ativo, revelando as origens mareantes dos primeiros colonizadores açoritais, a Astronomia Popular da Ilha de Santa Catarina; Astronomia muito útil à vida da população dedicada aos afazeres das pescarias diversas, tanto de alto mar como costeira. É, embora muito restrita, uma Astronomia eminentemente náutica, de navegação astronômica estimada e, por isso mesmo, empírica, decorrente da observação prática. Nesta Astronomia, hoje quase desconhecida, misturam-se Estrelas, Planetas, Sol e Lua, sendo relevante anotar que Planetas e Estrelas se confundem simplesmente como Estrelas à óptica matuta. E o mais importante, ainda, é que três Planetas distintos sejam vistos como uma só Estrela, em muitas ocasiões; e, noutras oportunidades, um mesmo Planeta é visto como duas Estrelas distintas. Sem embargo disto, todavia, as resultantes observadas para navegação eram e continuam sendo perfeitas quando assim realizadas. Assim, vejamos esses poucos elementos da Astronomia matuta e como são entendidos, nomeados e utilizados:

## 1 — AS CONSTELAÇÕES

O antigo mareante açorita colonizador e, a seguir, por continuidade de uso e costume, o pescador ilhéu nativo, oriundo aquele do Hemisfério Norte, encontrou cá no Sul um Céu diferente; e, assim, teve ele mesmo que criar a sua Astronomia, aproveitando-se de dados e recordações orais que possuía do Meridião. Assim, criou, e só isto lhe bastava, um Panteão de Quatro Constelações, pois o restante do Céu, não lhe servindo de qualquer referência útil, era simplesmente ignorado. As Constelações eram e ainda são observadas por velhos pescadores.

A — O CRUZEIRO DO SUL — que associava à navegação e à religião; era o rumo do Sul e era a representação celeste do símbolo fundamental do Cristianismo;

B — A GUARDA DA CRUZ — assim, por muitos eram chamadas as trelas Alpha e Beta do Centauro formavam uma Constelação; para os açoritais, uma recordação das Estrelas que, no Hemisfério Norte, são chamadas as Guardas da Ursa. Assim, as Estrelas Alpha e Beta do Centauro formavam uma Constelação;

- C — AS TRÊS MARIAS — também uma Constelação matuta de duplo sentido — náutico e religioso —, são as três Estrelas do Cinturão de Órion. Eram também chamadas de Estrelas do Meio do Céu porque os açoritas mareantes sabiam que sobre elas passava a linha do Equador;
- D — O ROSARINHO — também uma Constelação de composição dupla — náutica e religiosa — era como chamavam ao grupo estelar, na Constelação do Touro, das Plêiades; em verdade, a disposição ótica das sete Estrelas das Plêiades visíveis a olho nu, parece formar uma pequena cruz de rosário. O ROSARINHO servia para apontar o Norte.

## 2 — AS ESTRELAS NOTÁVEIS e IMPORTANTES

Para o pescador ilhéu só interessava observar umas poucas Estrelas, inclusive Planetas que, para eles eram Estrelas também. O restante do Céu, embora estrelado, era simplesmente ignorado e sem utilidade prática de comunicar alguma cousa. Assim, só interessava observar:

- A — CANOPUS — alpha da Constelação do Navio — que supria a falta do Cruzeiro ou das Guardas na indicação do rumo Sul;
- B — ACHERNAR — alpha da Constelação do Eridano — com igual finalidade;

Como durante o curso do Ano, o Cruzeiro do Sul não está visível no Céu Noturno entre os meses de setembro a janeiro, completamente, as duas Estrelas citadas substituem na orientação;

- C — SIRIUS — alpha da Constelação do Grande Cão, de setembro a março, dava o rumo;
- D — ANTARES — alpha do Escorpião, ou, como era chamada, a Estrela Vermelha do Mar, dava o rumo de março a setembro, em certa parte da noite.

Mas Sirius era também chamada a Estrela do Leste, por nascer, e ter ascensão reta a Leste, e ser, pela luminosidade, bem visível sobre a linha do horizonte.

O Planeta Marte, quando em visibilidade noturna, era, em certas ocasiões, quando, por decorrência astronômica era visível em época na qual Antares não aparecia à noite, confundida com ela e chamado de Estrela Vermelha do Mar;

- E — O PLANETA VÊNUS — era, conhecido, mas como duas Estrelas bem distintas, tanto sua elongação fosse a Leste ou Oeste do Sol, Assim, ao nascer pela madrugada, por estar ao Oeste do Sol, era a Estrela d'Alva, Estrela da Manhã, Estrela do Pescador.

Quando só era visível à tarde, por estar em posição Leste do Sol, chamavam Estrela do Pastor, Papa-Ceia, Estrela da Tarde, Estrela do Monte (isto por estar no horizonte do lado das montanhas do Continente);

F — JÚPITER E SATURNO — apesar de terem boa luminosidade, não eram muito considerados porque, variando de brilho, conforme a posição na órbita em relação à Terra, eram chamados de **Estrelas que vão e vêm**, e até este fato da mecânica celeste era rimado assim:

Nas Estrelas que vão e vêm  
não confie nelas ninguém.

### 3 — A LUA

A Lua era tida por importante, tanto para marear quanto para prever o Tempo meteorológico. (Sobre o tema falaremos noutro estudo com o título A METEOROLOGIA MATUTA).

A Lua era muito utilizada para conferir as datas religiosas, numa relembração do Calendário Eclesiástico para as Páscoas. Mas, também, para aferir o movimento das Marés, e, conseqüentemente as horas de sair pro mar e retornar; a hora de melhor pescaria; e, finalmente, **as** horas para a **pescaria de fundo de areia** (que era como chamavam a colheita de berbigões) e **pescaria de encosto de pedra**, que era como diziam, a colheita de ostras de pedras, berbigões e mariscos.

### 4 — O SOL

O uso do Sol, como instrumento de navegação de alto mar ou mar-reação, era simplesmente para determinar o **mar profundo** a Leste e a **costa geral** a Oeste. E as horas do dia. Isto porque o pescador ilhéu nunca se dava a pescar com Sol, preferindo a pesca noturna entre o anoitecer e a aurora. Somente a **pesca de fundo de areia** e de **encosto de pedra** eram feitas às primeiras horas do Sol (manhã) ou às horas do Sol se pôr (tarde). De modo geral, o Sol, durante o dia, era desconsiderado como útil à vida pesqueira do ilhéu, idéia conservada do açorita colonizador.

\* \* \*

Deste modo, a Astronomia Popular ilhoa ou **matuta** da Ilha de Santa Catarina.

# A MARCA DO GADO

João dos Santos Areão

A marcação dos animais torna-se imprescindível para os criadores da zona serrana, onde a pecuária é a maior fonte econômica de seus habitantes.

Se bem que já meio condenada a maneira em uso, ainda é adotado o sistema primitivo, que se compõe de um ferro que levado ao fogo é aplicado no lombo do animal.

Por Lei, as marcas devem ser feitas em cima do garrão, que é a parte traseira da perna, abaixo da coxa, ou na lagarta da mão, acima da junta e no lado da cara e, no chifre, que é destinado ao gado de engorda ou invernação. Anca ou picanha é a parte lombar da rês.

Tomando conhecimento da variedade dessas marcas usadas pelos criadores de São Joaquim, observei que umas não passavam das iniciais dos nomes dos donos das reses, porém outras, eram ideadas de maneira a formarem verdadeiros hieróglifos.

Como passo inicial, resolvi registrar neste trabalho as marcas para uma possível explicação posterior e quando não, para se ter uma idéia de como esse trabalho vem sendo organizado desde 1941, data em que foi iniciado o registro de tais marcas no Serviço da Associação Rural, que vem, de maneira marcante, produzindo ótimos resultados no mundo pastoril.

Com este trabalho pretendo focalizar uma faceta da vida do campo que ficará gravada hoje, para que os pósteros possam num relance ao passado, sentir alguma luz do que foi feito, podendo até, buscar motivos para seus ideais.

Outro fato que pode despertar este registro é a relação dos velhos moradores desta região que irão, certamente, merecer dos que vierem depois, o acatamento que fizeram jus, pelo trabalho desenvolvido em prol de sua comuna.

Não pude, conforme era meu desejo, completar este trabalho, procurando a razão de ser de várias marcas que devem ter suas origens.

Qualquer ocorrência na vida, pode fazer com que a mente crie uma forma de torná-la sempre presente. A flor de maracujá, por exemplo, apresentada pelo senhor Manoel Pereira de Souza tem, através de uma lenda fundo religioso.

Em geral as marcas são tiradas dos nomes, prenomes e sobrenomes dos fazendeiros, formando algumas figuras interessantes.

Como se pode observar, nem todos os criadores registrados apresentaram as marcas solicitadas pela Associação Rural, razão pela qual somente está relacionado seu nome sem o complemento que desejávamos.

Para a marcação dos animais é usado o brete, que é uma espécie de curral afunilado, onde eles ficam imobilizados. O brete serve tanto para a marcação, como para a vacinação.

Foi graças à gentileza dos dirigentes da Associação Rural que pude obter a seguinte relação:







- 144 Paulino Gonçalves de Liz
- 145 Higino Barbosa Pereira
- 146 Jovino Tomaz de Souza
- 147 Francisco Alexandre de Souza
- 148 Arlindo Pereira de Souza
- 149 Valentim Vieira Borges
- 150 Hilario Tomaz de Souza
- 151 Emilio Pereira de Souza
- 152 Vidal Candido da Silva
- 153 Vidal Domingos de Oliveira
- 154 Severino Faria de Oliveira
- 155 Brasiliano Vieira de Camargo
- 156 Jose Alves de Sa
- 157 Candido Antunes de Amorim
- 158 Tomaz de Souza Pereira
- 159 Trugilo Ulysses
- 160 Manoel Alves Guimarães
- 161 João Inacio de Melo
- 162 Enedino Batista Ribeiro
- 163 Procopio Florêncio Pereira
- 164 Martinho de Haro
- 165 Americo Caetano do Amaral
- 166 Aluisio Vieira Garcia
- 167 Manoel Dimas Pereira de Souza
- 168 Jose Pereira de Calszões
- 169 Rosendo Feres de Camargo
- 170 Leonel Palma
- 171 Benevenerito C. do Amaral
- 172 Ovidio Antonio de Amorim
- 173 Januário F. de Souza
- 174 Manoel Damásio Cardoso
- 175 Frudente Candido da Silva
- 176 Manoel José Godinho
- 177 Manoel do Nascimento
- 178 Libório Antonio

P  
-  
A  
-  
B  
-  
C  
-  
D  
-  
E  
-  
F  
-  
G  
-  
H  
-  
I  
-  
J  
-  
K  
-  
L  
-  
M  
-  
N  
-  
O  
-  
P  
-  
Q  
-  
R  
-  
S  
-  
T  
-  
U  
-  
V  
-  
W  
-  
X  
-  
Y  
-  
Z

- 179 Adolfo José Martins
- 180 Hercilio Jose Delfino
- 181 Nilo Sbruzi
- 182 José M. Ribeiro Martins
- 183 Jose de Almeida Borges
- 184 Paulino Gonçalves de Liz
- 185 João Trindade V. de Souza
- 186 Júlio da Silva Nunes
- 187 Felicissimo R. Sobrinho
- 188 Martinho Brasil
- 189 José Borges de Souza
- 190 Valentim Inacio Velho
- 191 Bernardo Vieira Ramos
- 192 Folicarpo Borges
- 193 Aluizio Vieira Garcia
- 194 Manoel Ferreira Neto
- 195 Cecio Candido da Silva
- 196 Joaquim Serafim Nunes
- 197 Juventino Barbosa de Souza
- 198 José Palma
- 199 Teófilo Matos
- 200 João Batista Flores
- 201 Severiano Cardoso
- 202 Américo Caetano do Amaral
- 203 José Serafim Nunes
- 204 Leonel José de Oliveira
- 205 Bento de Souza Pereira
- 206 Lauvir Barcellos
- 207 Dimas de Souza Goularte
- 208 Samuel Carvalho
- 209 José J. Vieira Rodrigues
- 210 Manoel Inácio de S. Pereira
- 211 Antonio Falhano Frestes
- 212 Marcelino Costa Nunes
- 213 Djalma Furtado Goularte
- 214 Antonio Henrique Cidade

A  
B  
C  
D  
E  
F  
G  
H  
I  
J  
K  
L  
M  
N  
O  
P  
Q  
R  
S  
T  
U  
V  
W  
X  
Y  
Z

215 Doralina Aguiar Nunes  
 216 Honório Candido da Silva  
 217 Avelino Palma  
 218 Cícero Pereira  
 219 Delmo Nunes Goulart  
 220 Hermógenes Evaristo Maciel  
 221 Osvaldo Sa de Matos  
 222 Turibio Pereira Cardoso  
 223 Vitorino Rodrigues de Souza  
 224 Maria Benta da Silva Matos  
 225 Protasio Vieira de Souza  
 226 Felício Vieira de Melo  
 227 Vidal Domingos de Oliveira  
 228 Darci de Souza Vieira  
 229 Nabor Vieira Lemos  
 230 Ceverisno Ambrosio de Sena  
 231 Manoel Dimas Pereira de Souza  
 232 Ismael Nunes  
 233 Constâncio Amarante  
 234 Círculo José Pereira  
 235 Hamilton Ribeiro Vieira  
 236 Pedro Finto de Arruda  
 237 Manoel Damásio Cardoso  
 238 Camilô Goulart  
 239 Liberalino Cassetari  
 240 Armando de Oliveira Mendonça  
 241 Valentim Inácio Velho  
 242 Antonio Ávila de Souza  
 243 Maximiliano Cecchini  
 244 Isas Bonjolo  
 245 Ana Felicidade de Oliveira  
 246 Isac Nunes  
 247 Vitor Rodrigues Machado  
 248 Gercino Froença de Lima  
 249 Otacílio Domingos Vieira

D  
 H  
 H  
 G  
 G  
 8  
 J  
 TP  
 E  
 U  
 V  
 X  
 -  
 44  
 W  
 A  
 Y  
 H  
 G  
 CP  
 F  
 PP  
 M  
 R  
 R  
 J  
 AR  
 U  
 G  
 MC  
 IB  
 C  
 H  
 H  
 S  
 S  
 A

250 Jairo Candido da Silva  
 251 Francisco Domingos Pereira  
 252 Fermio Nunes Sobrinho  
 253 Celso Ribeiro Martins  
 254 Constancio Pereira Figueiro  
 255 Tomaz de Souza Pereira  
 256 Americo Caetano do Amaral  
 257 Antonio Bonjoane Godoi  
 258 Fredoliné da Silva Matos  
 259 Silvio Cassetari  
 260 Vidal Gonçalves de Souza  
 261 Dorvalino Rodrigues de Souza  
 262 Gregorio Marcolino  
 263 Jose Manoel da Rosa  
 264 Julio Marcolino de Moraes  
 265 Augusto Francisco Siqueira  
 266 Saulo Liszenberg  
 267 Jose Pedro Anastácio  
 268 Amelio Joaquim Nunes  
 269 Frederico Dom do Amaral  
 270 Maria Veranez Donadel  
 271 Vaimor Machado  
 272 Joaquim Firmino Gomes  
 273 Joaquim Merquiades de Souza  
 274 Manoel Jose Godinno

H  
 ?  
 H  
 A  
 S  
 S  
 F  
 R  
 N  
 F  
 N  
 W  
 S  
 S  
 S  
 M  
 S  
 S  
 SL  
 R  
 W  
 F  
 U  
 O  
 J  
 H  
 X



# RENDAS E RENDEIRAS

Doralécio Soares

① “Indústria tradicionalmente doméstica, a renda de bilro apareceu em fins do século XV ou começos do século XVI. Como elemento da cultura moderna, é arte feminina quase ocidental

O material utilizado é o mesmo de quatro séculos e compõe-se de fios, bilros de madeira, almofada cilíndrica, alfinetes, cartões furados, “piques” com variantes.

Surgida do bordado, a renda de bilro ou de almofada trabalha com pontos no ar, sem tecido pré-existente. Obra de fios trançados ou enrolados sobre si mesmos, presos por uma extremidade a uma das pontas do bilro e outra fincada por alfinetes, num cartão em cima da almofada, engendra uma retícula ou desenho mais ou menos complexo. Difere do bordado porque nesta, os pontos diretamente aplicados, são parte do tecido. A beleza das rendas de bilro depende da habilidade artística da rendeira, e, sobretudo, da destreza manual, na troca dos bilros. As mãos das obreiras atingem velocidade tal que nem mesmo visto em câmara lenta consegue visualizar o ininterrupto cruzar dos fios.

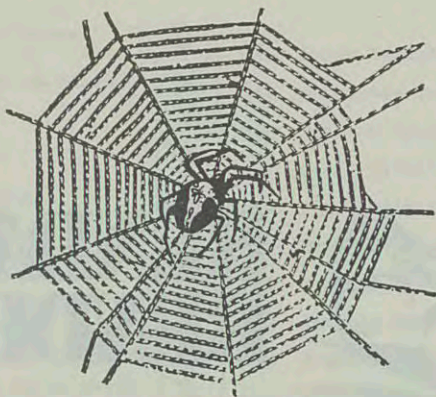
Como tecelãs e fiandeiras, as mulheres primitivas utilizavam cipós e fibras vegetais na arte da cestaria do entrançado, da construção de redes, até que se desenvolvessem as artes mais complexas da costura, do bordado e da renda, com invenção da agulha de coser e dos fusos.

A sua maneira, vários povos tentam explicar a origem da tecelagem, mas os gregos, na civilização ocidental, atribuem a invenção à mítica donzela da Lídia, Aracne, tão hábil no tecer que não teve rival na arte do bordado. O orgulho e o desafio lançado à mestra.

② Atenas levaram-na à metamorfose de uma aranha, castigada a viver suspensa, fiando sempre.

(1) – Texto do “Documentário Cinematográfico” produzido pelo Prof. Máximo Barros, e equipe de alunos quando da realização de um Curso de Cinema na Fundação “Alvares Penteadó”, São Paulo, com cenas naturais de Rendeiras da Ilha de Santa Catarina. “Etnografia e Pesquisa Musical”, Doralécio Soares.

(2) – “Atenas”, deusa da mitologia grega. – “Deuses e Heróis da Grécia Antiga”.



A teia de aranha é o modelo seguido nos antigos tecidos e evoca a rivalidade entre os primeiros fabricantes da indústria têxtil da Lídia e os gregos”.

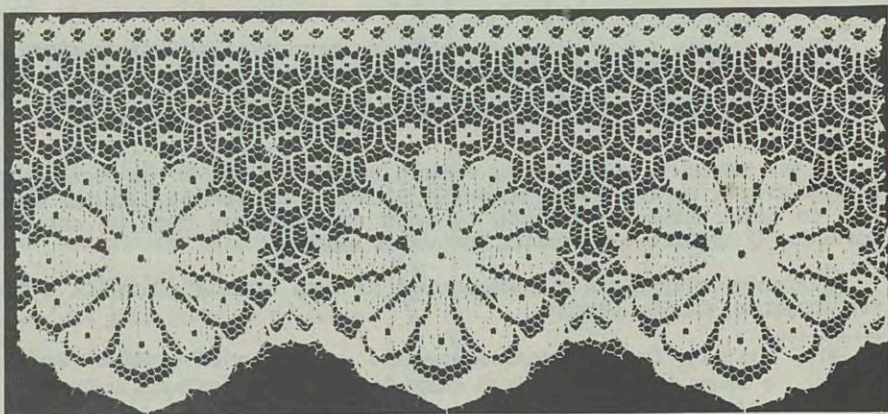
A renda de bilro espalha-se por todo o litoral brasileiro, de preferência na orla marítima, caracterizada por regiões baixas, culturalmente pobres, habitadas por pescadores. No sul do Brasil, Florianópolis, Ilha de Santa Catarina, reúne a maior concentração de rendeiras do país.

De cultura rudimentar, as rendeiras produzem as peças após as ocupações domésticas comuns.

Traço característico das rendas catarinenses é a variedade de tamanhos e de formatos, esmerados e de rara habilidade, reproduções de “piques” modificados ou criados para novos modelos.

“Quando as contínuas crises pareciam superadas pelas rendeiras, para transformar o panorama do mundo ocidental surgiu a máquina.

Apesar da industrialização, a renda “mecânica” não é novidade. Teve início, no século XVIII, na Inglaterra, que nunca se distinguiu na renda de agulha ou de bilros.



Renda industrializada “Mecânica”, detalhe de uma “pontilha” ou barra usada em peças femininas.

A mecânica substituiu as almofadas pelos teares e trocou os bilros por lançadeiras, enquanto os "cartões furados" cederam lugar a uma prévia programação executada por engrenagens e correntes.

A participação humana é mínima, mas a produção altíssima. Um metro quadrado de renda produzida em 30 minutos, levaria meses por uma rendeira.

O aproveitamento do progresso científico, no universo da empresa, gerou outra revolução e, mais uma vez, a química veio ativar as condições de produção como outrora agira como precursora no desenvolvimento das indústrias do ferro, do aço e do petróleo.

Descendem de antigas famílias açorianas de pescadores que vieram para a Ilha do Desterro, em meados do século XVIII, daí se distribuindo pela costa de São Francisco até Laguna.

Todas as provocações de pescadores apresentam a paralela confecção de renda e de redes.

O marido trama o tecido auxiliado por uma bobina especial que arrasta o fio. Pouco distante, a mulher, com a rapidez das mãos e a música dos bilros, produz refinadas maravilhas.

Donde o aforisma português, também para o caso brasileiro, de que "onde há redes, há rendas."

Conquanto pequeno o número de modelos aqui apresentados ante a imensa quantidade de outros artísticos e criativos, a arte da rendeira da Ilha de Santa Catarina é o resultado de velha técnica aristocrática e monacal que o Brasil adquiriu por via portuguesa.



Num "flash" fotográfico, viu Vermeer, em 1660, a posição de trabalho de uma artesã, à porta da casa, para melhor receber a luz solar, na execução de sua tarefa.

Apesar do progresso dos séculos, a mesma posição tradicional é conservada, mormente se a rendeira apresenta certa idade, em que os órgãos da visão, à força de se fixarem na renda, aos poucos perderam a antiga acuidade."

## RENDA PLÁSTICA



Daí o surgimento da renda "plástica" preparada pelo braço feminino sobre moldes retangulares, onde larga espátula espalha fina camada de material em branco ou mais comumente em cor.

De todos os processos usados, o da renda plástica é o mais econômico rápido e produtivo, sem entretanto obter a aceitação esperada, diferindo em beleza e qualidade a qualquer outro tipo de renda.

Entre a tradição e o progresso, o trabalho executado pelas mãos de fada de nossas humildes rendeiras de bilros não estará preservado se o amparo oficial não lhes dispensar medidas protetoras, até com a fundação de centros profissionais e de museus de artes populares.

Urge encontrar o caminho de transmissão destas técnicas, de geração a geração, como acontecia desde o Império.

Vejam-se as obras do passado e os exemplos dados por Colbert, Pomбал e tantos outros. Mas para revitalizar nossa indústria artesanal rendeira, em plena era de expansão industrial do País, e abrir-lhe nova e promissora carreira, no futuro, muito contribuirão criteriosos tombamentos oficiais ajudados pelas pesquisas de estudiosos na descoberta dos segredos da arte secular.



Rendeira do Alto do Ribeirão, localidade sul da ilha. Na foto apresenta o "pique" (modelo) de uma das partes de uma toalha em renda "tramóia", cujo diâmetro após montada é superior a um metro e meio. Foto, professora Isa Maia.

A arte das rendas de bilro é a mais singela das tradições populares do Brasil, mas por falta de compreensão e de apoio está condenada a morrer no interior de pequenas moradias espalhadas à beira-mar.



Conseguirá esta jovem preservar as maravilhas do artesanato, abrindo melhores e mais seguras perspectivas futuras?"

## ASSOCIAÇÃO DE RENDEIRAS

Em matéria de artesanato de tradição popular, as rendas da Ilha de Santa Catarina vêm se mantendo através dos anos, sempre despertando o interesse de pessoas de bom gosto e cultura acentuada, que vêem nas mesmas o trabalho artístico que desenvolvem as centenas de rendeiras da Ilha. O espírito de criatividade dessas tem contribuído para que novos modelos sejam acrescentados aos numerosos existentes.

**A ASSORI** — Associação de Rendeiras da Ilha, objetiva valorizar, preservar e melhor comercializar as rendas executadas pelas rendeiras associadas.

É crescente o interesse de pessoas que apreciam as Rendas da Ilha, não só porque estas representam em tradição, mas principalmente pela variedade e perfeição que põem em destaque as rendas que levam a etiqueta da ASSORI.

As rendas da Ilha de Santa Catarina se evidenciam através dos tipos de arte tradicional. Embora as peças sejam idênticas e na sua maioria feitas por mãos diferentes, são uniformes no seu aspecto artístico de arte popular.

Existem influências sociais que determinam uma melhor qualidade que esse ou aquele grupo de rendeiras produz. Outros sentidos entretanto destacam as peças pelo esmero apresentado. É a virtuosidade técnica dentro da vocação artística de cada elemento, num extravazamento criativo que conduz certas obreiras à execução de perfeitas obras-primas.

O quadro sociológico é quase o mesmo entre os grupos de artesãs, mas se considerarmos as condições sociais de certos grupos isolados, que vivem em estado de inferioridade econômica, verificaremos que esse "status" influi na qualidade artística do trabalho que executam.

Incluídas entre o tipo de arte popular, universalmente conhecida, vêm sofrendo as rendas de bilros um processamento lento de extinção, decorrente da evolução sistemática que envolve as artes puramente artesanais.

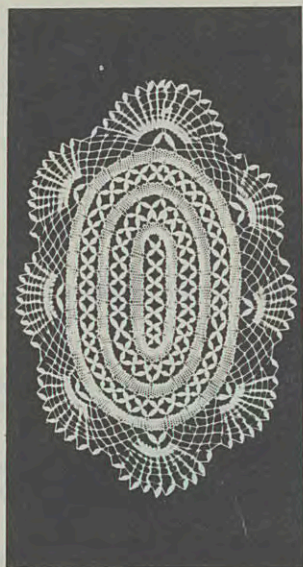
Considerando que uma geração equivale a duas décadas, poderemos estimular a extinção de certas variedades artesanais no fim do ano dois mil (2.000), ficando as suas várias espécimes como peças de museu.

Graças entretanto, à formação étnica do nosso povo a arte popular estará sempre presente no espírito imanente dos habitantes das zonas rurais, pois que outros fatores de ordem econômica e social têm também a sua influência na vida comunitária, considerando que a grande maioria dos que habitam a zona rural ilhoa descendem de colonizadores açorianos, cuja herança dos seus usos e costumes vem atravessando os séculos.

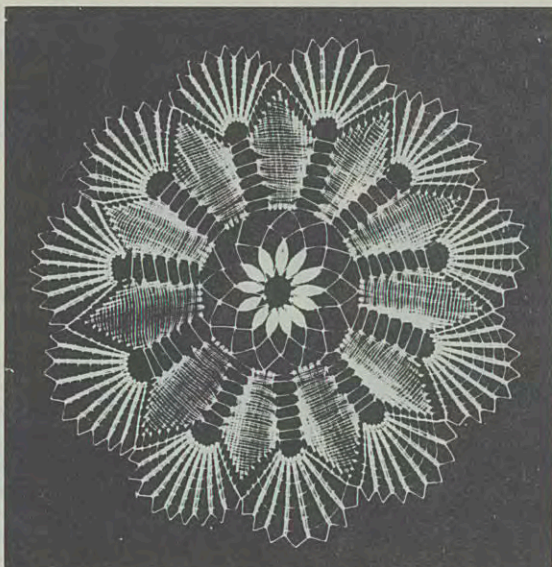
O trabalho que se desenvolve através da ASSORI vai, pouco a pouco, conscientizando as nossas rendeiras a uma produção racional qualitativa, objetivando a valorização das peças com o fim de exportação.

Resta, portanto, que o poder público se conscientize disso e siga o exemplo de Estados do norte e nordeste que chamam a si a responsabilidade da produção artesanal, criando órgãos estatais para essa fim. Oxalá ocorra o mesmo em Santa Catarina.

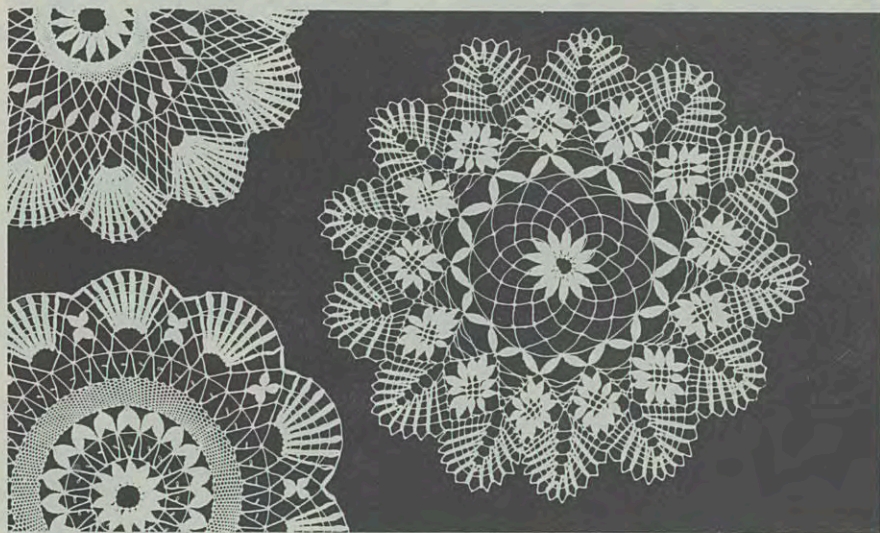




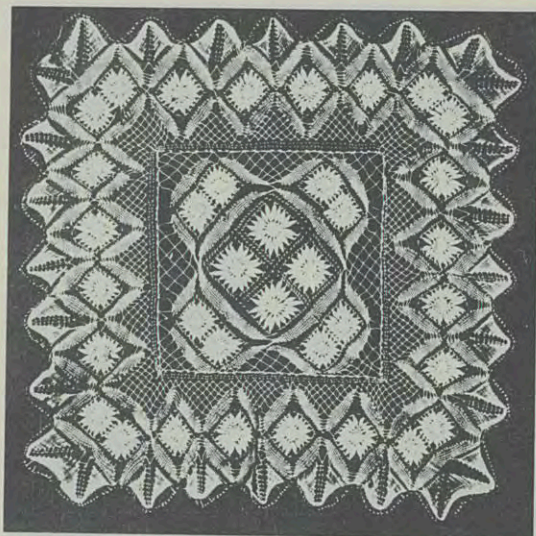
Renda "Oval de Tira"



Renda "Forro de Casa". Assim era o forro de minha casa. Diz a rendeira que criou o modelo acima.

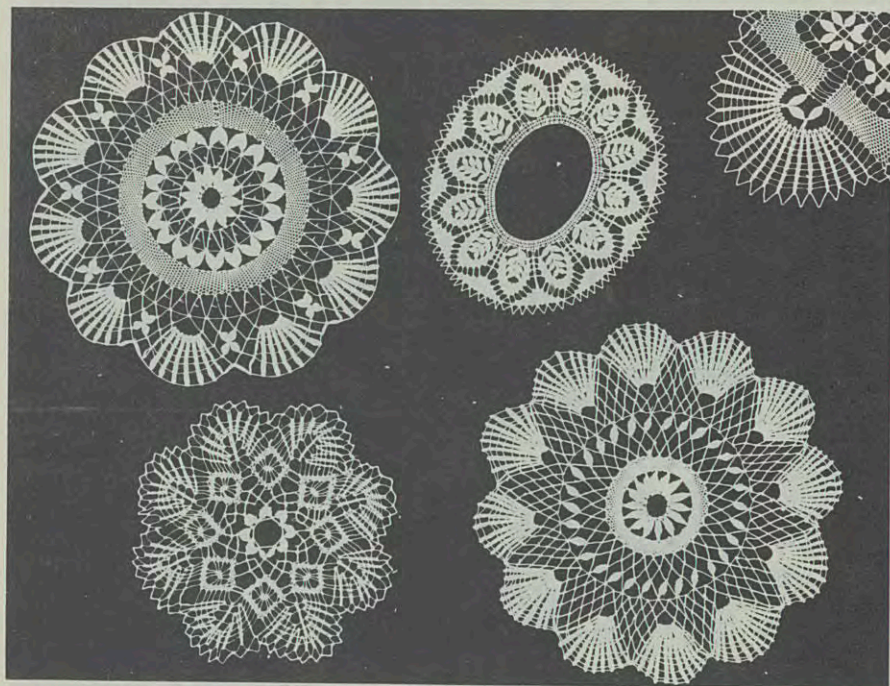


Renda "Rufina", este é o nome da rendeira que criou o belo modelo da figura acima. Margaridas, bico de conchas, centro de tranças e pernas cheias.



Renda “Folha de Café”.

As palmas são em paninho de meio ponto, rosas margaridas e bico de concha.



A variedade de modelos das Rendas da Ilha de Santa Catarina, é uma das características do espírito de criatividade da rendeira ilhoa.

# CULINÁRIA SERRANA

## REGIÃO DE SÃO JOAQUIM

Teófilo Matos

**Aperitivos:** Cachaça pura — cachaça com losna — com mentruz (ou mastruço).

(Aguardente) — Cachaça composta com várias frutas da região: maçã, uvalha (fruta silvestre), ameixa, ginjo (cereja silvestre), pêssego, etc.

**Pratos de Entrada** (aperitivo): — Morcilha (morcela): — tripa grossa de porco recheada com sangue coagulado, temperos verdes, etc., cozida. — Serve-se frita ou assada.

— Queijo de porco: — Estômago de porco recheado com carne, toucinho e miúdos, cosido e depois prensado. Serve-se frio, de preferência.

**Pratos de "aperitivo",** nas churrascadas: — Matambre assado (carne que cobre as costelas do boi). — Rim ainda fresco, passado levemente no sal e atirado à brasa para assar. — Testículos de novilhos passados no sal logo à extirpação e levados à brasa para assar.

**Pratos Comuns:** Galinha com arroz (muito preferido). — Galinha assada na brasa. — Galinha com farofa.

— Carnes de gado: — Assada no espeto, num moquém. (Moquém: — grade mais ou menos alta, de madeira (varas) sobre fogo (brasas) onde se costuma assar a carne para as churrascadas). — Carne assada na panela (tatu). Guisada, simples ou com farofa.

Língua de bovino ensopada, também recheada. Rim assado no forno, servido com cebola. — Miolo frito ou ensopado. — Coração (bovino) assado ou ensopado, também guisado. — Carne de ovelha assada no espeto, é um prato muito cobiçado na região. Também cozida e ensopada, com arroz. — Carne de veado, assada, cozida e ensopada: — as almôndegas são muito usadas. — Lingüiça (carne de gado e de porco) com arroz, frita ou assada, também com feijão.

— Charque de gado (carne de sol), bem seca ou "frescal" Seca se costuma fazer cozida e com farofa, também guisada com arroz. Frescal é mais usada para assar ao forno e é servida com molho de cebola.

Feijoada: a mais usada é a feita com charque ou carnes de segunda (barrigueira por ex.), acrescida com tripa de gado fresca. Bem temperada.

**Jacuba ou Jacuva:** Tutano extraído do caracu, mexido com farinha de mandioca e levado ao fogo para fritar, adicionando-se açúcar. Serve-se como mistura ao café da manhã. Espécie de farofa.

**Sobremesas:** Doce de leite. Marmelada.

Doce de frutas e de obóbora.

Doce de jila, muito apreciado pelos turistas.

Doce de jila, mole ou duro. (Jila abóbora para doce, típica da região.)  
— Torta de maçã. Arroz-doce, diz-se do arroz cozido ao leite, conhecido em outras regiões como arroz-de-leite.

Antigamente era comum servir-se logo após ao jantar um prato de coalhada de leite, ao qual se misturava açúcar, e mais comumente, açúcar e farinha de mandioca.

**CAFÉ:** Cafe de tropeiro. Uma vasilha com água é colocada diretamente nas brasas do fogo de chão para ferver, adicionando-se em seguida pó de café. Quando levanta a fervura e o pó vem todo para cima, um pequeno tição é introduzido dentro da vasilha. Assim o pó se assenta e não precisa coador. E está pronto o melhor e mais saboroso café do mundo.

**ARROZ DE CARRETEIRO:** — Também **CARRETEIRO**. — Este prato está sendo muito servido atualmente aqui como típico da região. Todavia não o é. — Feito de guisado de charque com arroz, e mais sofisticado com alguns temperos, ele é um prato típico do Rio Grande do Sul, mais das zonas onde se usaram muito as carretas puxadas a boi ou muar, para o transporte de gente e produtos da terra, e onde o terreno era propício ao uso daqueles veículos.

Como era um prato rápido de preparar nas paradas ou pousos, os carreteiros o preferiam. Para o preparo do “carreteiro” os condutores das carretas, levavam penduradas às mesmas, panelas e outros utensílios de cozinha.

É bom lembrar que em São Joaquim não foram usadas carretas, pois o nosso terreno acidentado e pedregoso não o permitiria. — Carro de boi sim, para curtos percursos, quase só no trabalho das Fazendas.

Com o advento dos CTGs nesta região, começou a ser usado este prato nas festas campeiras e recepções de autoridades e turistas, com muita “badalação” de prato regional. Mais como modismo do que como aculturação.

— O nosso prato aqui seria o **ARROZ DE TROPEIRO**, preparado quase que como o “carreteiro”, com os mesmos ingredientes.

Só que este prato não era muito fácil para preparar, pois o tropeiro tinha alguma dificuldade para conduzir panelas e outros utensílios. E para maior facilidade e economia de tempo, geralmente o tropeiro já levava o lanche de viagem pronto: — **PASSOCA**, charque cozido e depois socado no pilão, ainda quente, ao que se misturava farinha de mandioca, formando uma substancial farofa, comida como mistura ao café. — Os patrões às vezes preferiam a sua “passoca” de galinha com farofa.

— Portanto, para nós aqui: **Arroz de Tropeiro**, e não **Carreteiro**. É modismo, repito, servir **CARRETEIRO**. O uso deste prato não se pode dizer que é um aculturamento.

— É um grande engano que os nossos “tradicionalistas” vêm cometendo ao servir nas suas festas, como típico da região, e Arroz de Carreteiro.

Nota: — O lanche do tropeiro, a passoca é também conhecida como **REVIRADO**.

Com abraços do

**Teófilo**

**NOTA:** O presente artigo, irá constar de uma obra sobre “Culinária Catarinense”, em elaboração. A mesma focalizará a culinária catarinense relacionada as nossas comidas típicas.

Dada a formação étnica do catarinense, a sua culinária é das mais variadas, sofrendo os costumes alimentares influências regionais. Enquanto que na zona do litoral predomina a alimentação à base de produtos do mar, nas regiões de colonização italiana e alemã a alimentação é de origem dessas colonizações, com muito vinho, cerveja, chope, polenta, massas, doces, patos, galinadas, ovelhas, coelhos, rãs, chucrute, marreco com repolho roxo, e tantos outros.

Já na região serrana predomina a carne bovina e de ovelha, dado o ciclo da pecuária. Os costumes campeiros como o churrasco e o chimarrão são a constante dos habitantes dessas zonas, não dispensado o Arroz de Tropeiro, e o queijo serrano de costume habitual.

**Colaboração:** Aceitaremos colaborações de pessoas que se dispuserem a nos enviar. Além de comidas típicas, poderão relacionar, Compotas, Frutas Cristalizadas, Mussis, Condimentos, etc.

**Superstições e Crenças da Culinária:** Existem e de muitas formas; se forem recolhidas aceitaremos de bom grado, bem como, tudo que se relacionar à alimentação do catarinense. Essas colaborações poderão ser enviadas, à Doralécio Soares, rua Julio Moura, 28, 1o. and. — 88.000 — Florianópolis — SC.

# “INDÚSTRIAS” RURAIS POPULARES. (ENSAIO)

Prof. Nereu do Vale Pereira — LD e Doutor em Sociologia da UFSC e membro da Comissão Catarinense do Folclore.

## 1 — Introdução

Os modos e tecnologias de produção rural têm experimentado mudanças radicais no século XX. Nos países desenvolvidos pouco resta das primitivas e tradicionais formas de elaboração primária do meio rural. Já nos países em desenvolvimento estamos assistindo à mudança muito recentemente. Em certas nações, em diversas áreas, coexistem modernas tecnologias ladeando e concorrendo com formas artesanais, numa competição desigual que proporciona maiores lucros ao produtor que utiliza tecnologia avançada. Este regula seus preços em função do mercado e não de custos diretos. As atividades produtivas de formas artesanais ou com equipamentos de tração animal ou “rodas d’água” oferecem pouca margem de lucro e são ladeadas por outros equipamentos alimentados por força elétrica. Muitas das vezes o equipamento antigo e tradicional é, retirando-se os meios de adaptação à força animal, acoplado a motores alimentados por energia elétrica.

É dentro desta transformação que se situam os “Engenhos de Farinha” na Ilha de Santa Catarina.

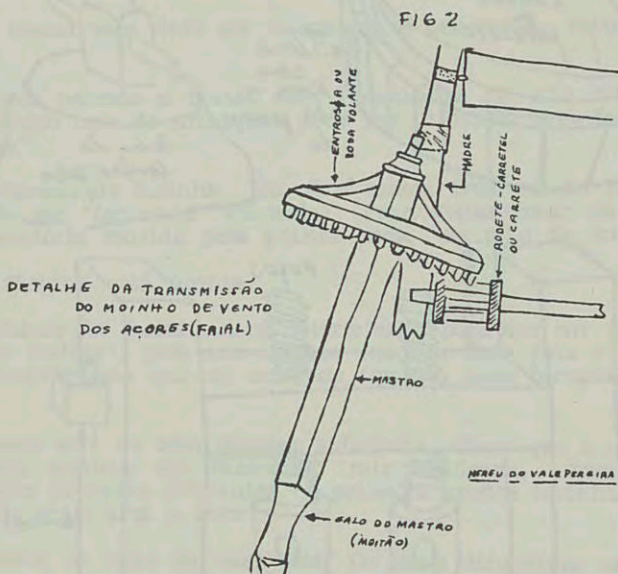
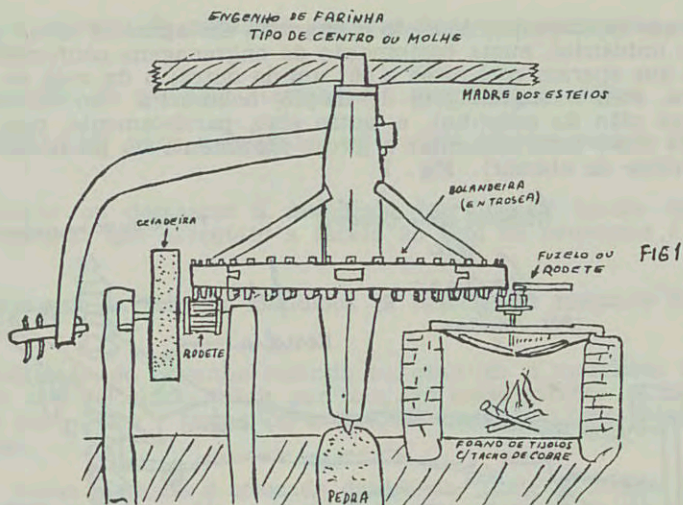
Procura este nosso ensaio junto ao Boletim da Comissão Catarinense do Folclore abrir perspectivas para o intercâmbio de informações sobre esses “engenhos”. São eles criação açoriana e originais da Ilha de Santa Catarina? Existem trabalhos científicos estudando em âmbito nacional a tecnologia “rústica” para a produção de Farinha de Mandioca ou “macaxeira”? Na dúvida partimos então para uma tentativa de abordagem do problema desafiando a colaboração de outros estudiosos e arriscando, temerariamente, uma hipótese na expectativa de que possa ela ser contestada e testada.

Nossa hipótese é a de que, depois de conhecermos os Açores, ver seus moinhos de vento, suas atafonas e prensas do lagar, os engenhos de farinha existentes na Ilha de Santa Catarina e após, já no século XIX, difundidos por todo o Estado, são originais criados por nossos colonizadores.

Detemo-nos nos “engenhos” movidos por força animal “o boi”, pois que foi o mais utilizado em Santa Catarina como as atafonas nas Ilhas dos Açores que também não possuem “aguadas” suficientes para uma utilização como força motriz.

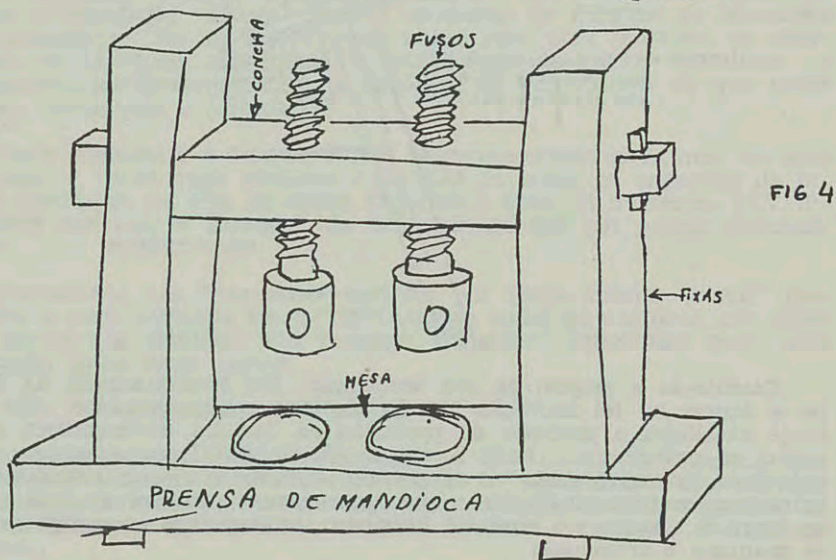
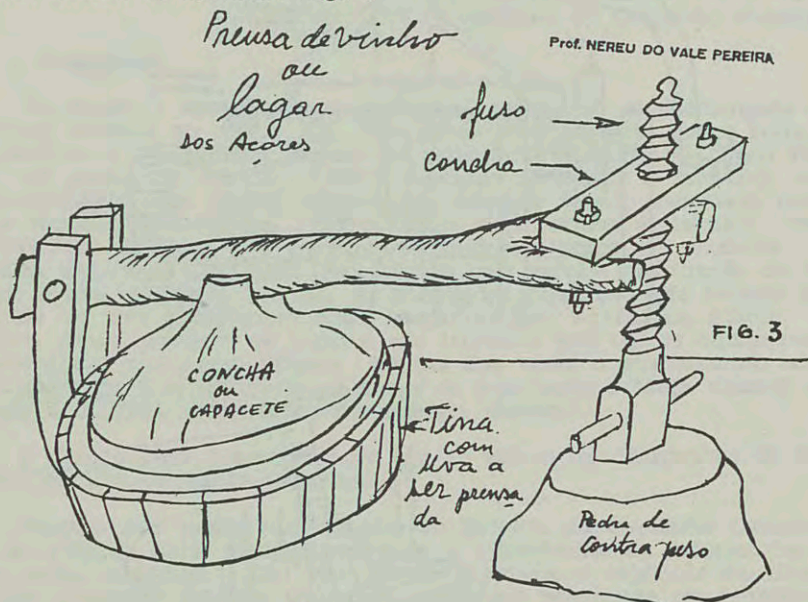
## 2 — Os Engenhos de Farinha

Os “engenhos de farinha” surgiram na Ilha de Santa Catarina com a colonização açoriana (1748/1756). Tanto foi significativo seu uso que estatísticas de 1794 registravam aqui existir cerca de 382 engenhos de farinha, mais de uma centena de cana (açúcar e cachaça) e atafonas diversas.



Discute-se a origem de sua tecnologia. Foi transplantada da Europa e Açores ou foi inovação (1) do açoriano recém-chegado? No nordeste brasileiro o processo de produção da farinha de mandioca antecedeu ao catarinense. Para a época, século XVIII, os engenhos eram máquinas "moderníssimas" e de grande produtividade pois substituíam os primitivos métodos indígenas que empregavam exclusivamente a força humana. Assim, no nordeste brasileiro, os engenhos eram inteiramente manuais e artesanais.

No caso catarinense, consiste o engenho em aparecer como um equipamento industrial, numa combinação de engrenagens confeccionadas de madeira que operam com eixos a 90° um do outro; o da roda de ralar ou ceifadeira, com a engrenagem de tração, bolandeira ou entrosa (roda grande ou pião do engenho), e, outro eixo, paralelamente, com ampliação de 15 vezes para aumentar o giro e movimento da pá de fornecer farinha (hélice de abanar). Fig. 1





Todo o processo de produção consiste de passos ou etapas que são as seguintes:

- a) Colheita da mandioca (arrancar a mandioca na roça);
- b) Transporte para o engenho em carros de bois com o paiol de taquaras;
- c) Raspar ou descascar a mandioca (geralmente tarefa das mulheres e meninas que executam a tarefa ao som de conversas e cantorias);
- d) Lavagem da raiz da mandioca já descascada restando bastante branquinha;
- e) Utilização do engenho ralando ou ceifando a mandioca na ceifadeira em alta velocidade. Raiz por raiz, são todas raladas e que caem dentro de um "coxo" formando a "massa" molhada. Essa massa deve ser enxuta;
- f) A massa molhada é colocada dentro do "tipiti" e levada à prensa (também toda construída de madeira e com sistema de roscas ("fusos") para enxugar sob pressão; Fig. 4
- g) A massa seca deve ser esfarelada e peneirada restando a farinha crua;
- h) Neste período a massa seca (realmente ela não está seca, porém com baixo teor de umidade) pode ser utilizada para fazer o "biju" e o "cusczu";
- i) Forneada de farinha. Isto é, a massa crua vai ao forno do engenho para ser "forneada" (torrada). Para evitar colar no "forno" há uma pá giratória movida pela grande roda ou pião do engenho;
- j) A farinha está pronta.

A qualidade da farinha será determinada pela sua cor (quanto mais branquinha melhor); pela sua textura (quanto mais fina e mais homogênea melhor) e pelo teor de umidade (quanto mais torrada mais saborosa).

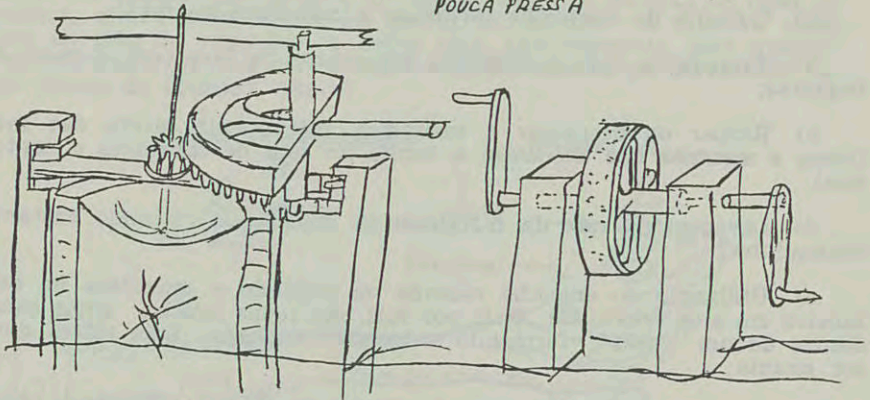
O segredo está no bem fornear a farinha. Claro que a qualidade da farinha está também em razão da "raiz" utilizada. Mandioca e aipim oferecem produtos diferentes. A primeira produz farinha mais acre e a segunda mais alva e doce.

São vários os tipos de engenhos. Os mais difundidos são:

- a) Os de mastro com duas variações. Nestes o animal que produz a tração — o boi — opera à distância sendo sua força transmitida por um processo de eixos longos (mastro) e engrenagens e um segundo tipo onde se utilizam polias e correias ("guasca de couro");
- b) Os de Molhe ou de Centro onde todos os equipamentos são centrados em torno do forno girando o animal em voltas junto ao local de trabalho. É uma engenhosa e inteligente forma de compactação, adaptando-se a locais pequenos; (Vide figura 1)

ENGENHO MANUAL  
CHAMARRITA OU  
POUCA PRESSA

FIG 5

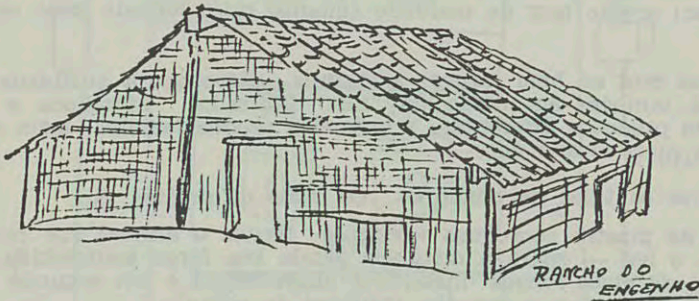


c) Os de "Caranguejo" Chamarrita ou Pouca Pressa. Estes são manuais e dispõem de duas peças separadas, a raladeira (cefadeira) manual movida por um ou dois homens e o forno que possui uma alavanca associada a uma meia roda de dentes que faz girar, em movimentos alternados para um sentido e outro, as pás (hélice de abanar) do forno. (Fig. 5).

Nos engenhos cada peça e cada personagem tem nomes adequados.

Dentre os personagens temos o forneador, o ceifador, as raspadeiras, as descascadeiras, "cantadeiras", etc.

Quanto às peças desde as menores tais como os dentes do "pião" (roda grande) e do "fuzelo" do rodete — roda pequena do forno — até o conjunto do forno, ou a mesma da prensa de 2 (dois) fusos que é a mais conhecida, à manjarra ou almanjarra, etc., recebem nomes apropriados.



RANCHO DO  
ENGENHO

PAREDES EM ESTUQUE  
OU "PAU-A-PIQUE"

Pronta a farinha é medida em alqueires (quarta, meia, meia quarta, etc.) e guardada no paiol ("paiol").

Desde o início do seu uso nos primórdios de 1750 até a década de 1960 quando começou a aparecer a eletrificação rural, estes engenhos de farinha prestaram serviços econômicos significativos. Para a nossa época ele representa uma tecnologia de baixa produtividade, porém oferece um produto de alta qualidade.

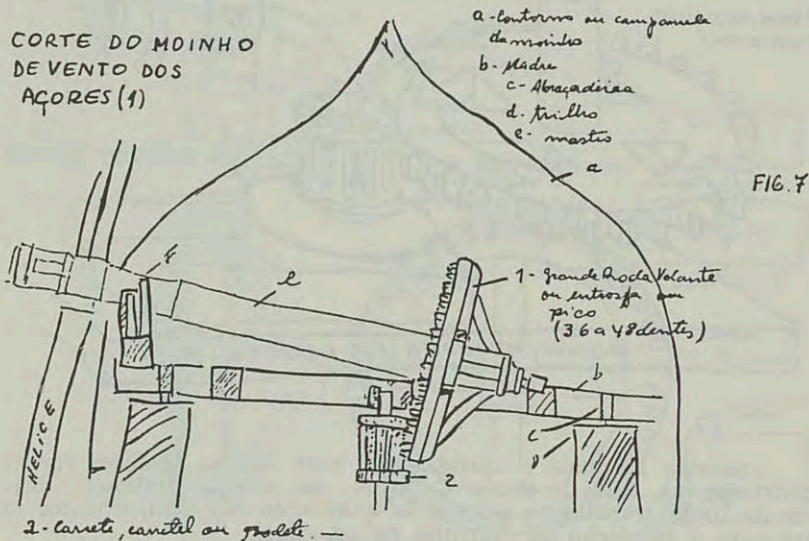
Hoje a farinha de mandioca é oferecida em sacos plásticos ficando muito a dever para a qualidade do produto dos engenhos "tocados" a bois, porém, produzida em larga escala, ainda fica aquém da demanda para o consumo.

Com a modernização chegou a eletrificação rural, e, as indústrias ("fecularias") de grande porte expulsaram os engenhos de farinha, e, como resultado, "não se faz mais farinha como antigamente"!

### 3 — Origem dos Engenhos

Sabido é de que tanto em Portugal, no continente, como nas Ilhas dos Arquipélagos da Madeira e dos Açores, não se cultivava a mandioca e tão pouco se conhece sua tecnologia, muito embora seja conhecida e pouco cultivada a raiz do aipim.

Tudo leva a crer que os açorianos e madeirenses emigrados para Santa Catarina eram agricultores e dotados de tradição nessa lide. Todos os relatos sobre as ilhas e sua gente têm revelado que era (e ainda é conforme foi constatado em nossa visita às ilhas) um homem dedicado à agricultura. Em aqui chegando, encontrando um promissor e grande mercado para a farinha de mandioca, ainda preparada segundo a rudimentar tecnologia indígena, passaram a se dedicar ao plantio da mandioca e à produção da tão cobiçada farinha.



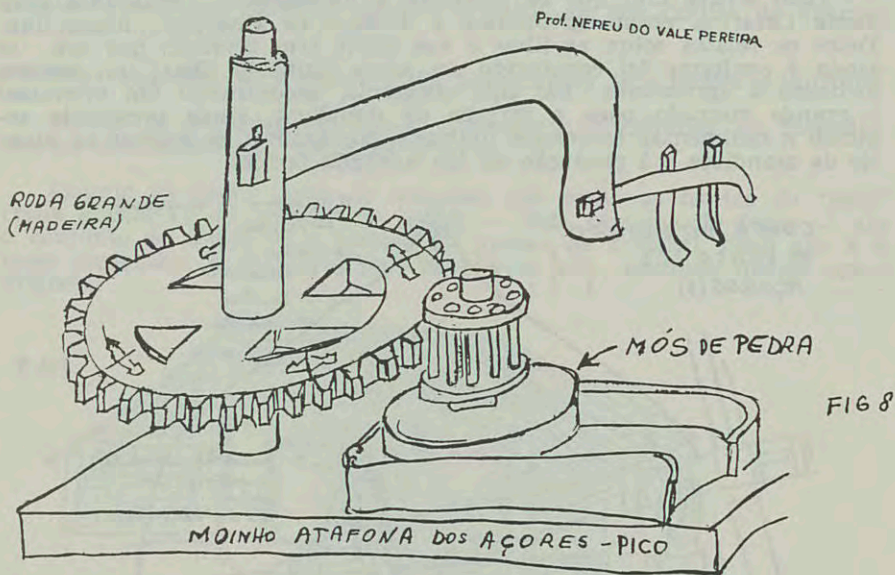
Na Provisão Régia de 07.08.747, documento decretado por Dom João V e que disciplinava a forma de transferência de Açorianos para o Brasil "a começar pela Ilha de Santa Catarina", determinava-se que os novos povoadores deveriam ter à sua disposição peixe e farinha da terra em "quantidade que bastasse".

1) OLIVEIRA, Ernesto Veiga e PEREIRA, Benjamim. Moinhos de Vento dos Açores e Porto Santo. Inst. de Alta Cultura-Lisboa/1965 Além do mais, o pirão (papa) de farinha (pirão d'água ou jacuba) ingressou na culinária e hábitos alimentares de todos os moradores da Ilha de Santa Catarina.

Viu-se o imigrante e colonizador açoriano diante do desafio da produtividade, e, como resposta adaptou o que tinha nos Açores, as atafonas e moinhos de vento, lagar, para a produção da mandioca, um processo de "industrialização" rústica.

Da atafona, combinado com o "mecanismo do moinho de vento" surgiu o "molhe", roda grande e transmissão para a cefadeira e hélice do forno.

O tipo de atafona movida por força animal encontrada nos Açores é aqui representada.



Atafonas manuais e movidas por roda d'água também foram encontradas na Ilha de Santa Catarina. Há que se destacar, principalmente neste trabalho, o esforço de adaptação dos equipamentos existentes para a produção da farinha de mandioca.

Não se registra a existência artesanal da "farinha". Quando menos mecanizado, recorre à "chamarrita" (Fig. 5) que pelas suas características também é chamada de "pouca pressa", e, assemelha-se à atafona manual.

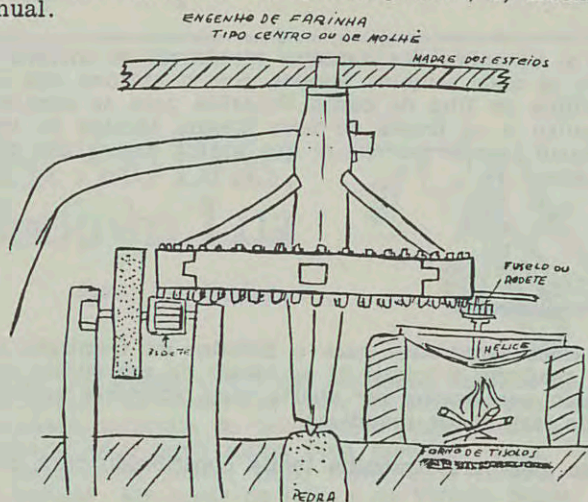
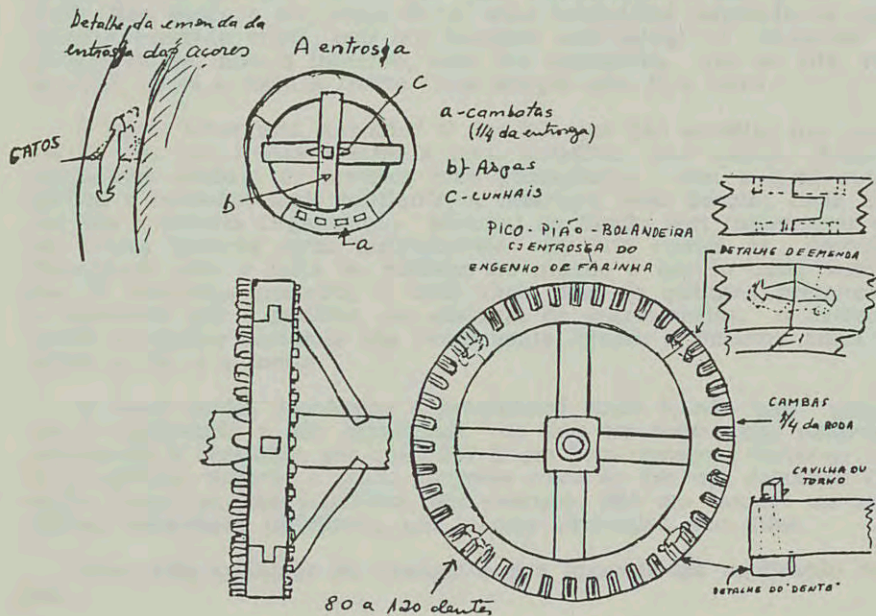


FIG. 9

São remotas as atafonas movidas pela força animal. Séculos antes de Cristo já eram conhecidas. O que tem de inovador nas atafonas açorianas é a outra forma de adaptação que permitiu a aceleração da "mó" móvel. Do moinho de vento colheu o modelo de transmissão para ampliar a rotação da mó móvel e ampliar a produtividade.



Do moinho de vento à atafona de tração animal e deste ao engenho de farinha foram nada mais nada menos, do que adaptações de uma mesma tecnologia. Estava o açoriano inventando o engenho de mandioca.

Comparem os desenhos dos sistemas mecânicos do moinho de vento, existentes desde os mais remotos tempos, com a atafona dos Açores e o engenho de farinha da Ilha de Santa Catarina para se concluir que todos guardam entre si os traços de uma mesma técnica de transmissão de força. De outro ângulo percebe-se que até os nomes das peças e detalhes são idênticos.

#### 4 — Conclusões

Ao findar estes arrazoados para o Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, reafirmo a inicial de se tratar de um ensaio que promova o intercâmbio que desejo ver aberto para uteriores estudos, sobre os "engenhos de farinha de mandioca".

Espero que este curto trabalho tenha contribuído para o debate do problema.

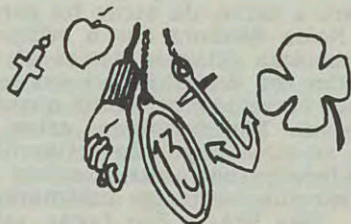
---

# COLABORAÇÃO DE GENTE DE FORA

---

## Meu São Brás, Dindinha Lua

Flávio José Cardozo



Para dar fim à azia, que é um incômodo facílmo de se ter comendo pão muito quente ou vendo por mais de três minutos certos programas esplendidamente coloridos de televisão, o paciente deve sentar numa pedra, concentrar-se e ouvir duma boca piedosa: "Azia, azeda, levanta-te, bobo, de cima desta pedra. Bobo foste, bobo ficaste, levanta-te, bobo, que tu já saraste. Em nome de Deus e da Virgem Maria, amém." É irrelevante o tom meio empulhativo da oração: mesmo sendo chamado quatro vezes de bobo, o que vale mesmo é que o cidadão fica bom como um pero. Já se o caso for de soluço, muito possível (às vezes até em crises prolongadas) quando se fica por demais exposto a esses júris que encham o vídeo de nossos domingos, a prece é esta: "Soluço, Tiburço, soluço que vai, soluço que vem, soluço que vá pra quem não tem". Não chega a ser, como se vê, uma jaculatória inspirada na mais perfeita caridade cristã, pois um inocente sem soluço é chamado a ganhar soluço, mas o inocente, uma vez soluçando, que se vire, reze também, passe a coisa à frente. Mas sempre com fé é claro.

O ímpio leitor está sorrindo? É dos tais que não acredita nas usanças do seu povo? Pois valeria a pena acreditar, sim senhor. Rezas e benzeduras acabam de merecer uma consagração com a qual nunca sonhou o benzedor mais confiante, a rezadeira mais devota: nada menos que a própria Organização Mundial da Saúde vem recomendar essas velhas práticas como instrumentos na luta contra as doenças. Preocupada com a falta de médicos no mundo e com o custo sempre alto da medicina existente, a OMS abriu mão de qualquer preconceito e reconhece que é positivo, na ausência de outros meios, o exercício desses primitivos costumes tão fundamente ligados à humana ânsia de vencer a dor e a morte.

O leitor então, econômico e pragmático como é, não tem porque não ir cultivando a sua capacidade de crer na força das palavras. Aprende-se a acreditar, por que não? E um bom começo é meter-se folclore adentro, recorrer a guias preciosos como os que nos deixaram Oswaldo Cabral ou Lucas Boiteux, por exemplo. São um tesouro em cada página, verdadeira policlínica, um inamps particular, sem filas.

Duas, três amostras de doenças e sua maravilhosa medicação verbal;

Me aparece, digamos, uma impingem. Nada tão simples, na verdade: faço três cruzeiros como o dedo molhado em saliva e cinza e recito: "Impingem rabicha, que quer rabichar, com cuspe em jejum e cinza do lar, é com isto mesmo que te hei de matar, em nome de Deus e da Virgem Maria, amém". A impingem se manda, desesperada. Me aparece depois uma bela zipra. Pois não seja por isto — entrelaço os dedos e digo, fixando a perversa: "Erisipela deu na pele, da pele passou para a carne, da carne passou para o osso, do osso foi para o tutano, do tutano foi para Roma. Erisipela veio de Roma, de Roma veio o tutano, do tutano foi para a carne, da carne foi para o osso, do osso foi para o mar. Permite Nossa Senhora que a erisipela se acabe, amém". Quanto não me custaria uma erisipela dessas aí pelos consultórios carpetados da cidade? (Um dia desses pensei em revisar meus óculos. Coisa singela, mecânica. Prevenido, perguntei quanto ia valer a consulta. Oitocentos, responderam. Não fui ainda: estou pensando se vale a pena usar óculos novos se atrás deles vão restar dois buracos.) Mas bem, deixa eu dizer o que faço quando amanhecer um dia de campanha caída. Em casa mesmo, tranqüilo como um milionário, me trato com estas pouquíssimas sílabas: "São Brás e São Lucas, esteira rota; levanta-se, campanha, do céu da boca." Armado de fé até os dentes, qual é a campanha que não me atende?

E as rendiduras, o embruxamento, a carne quebrada, as ínguas, o nervo torto, os cobreiros, as verrugas, o sapinho, o engasgo, o ataque de bichas, o flato, a ventosidade, o calor de figo, o rebato, o sol na cabeça, o mal de sete dias, a pontada, a destroncadura? Não está nos meus planos contrair qualquer uma dessas delícias da vida, mesmo porque uma ou outra só dá mesmo é em mulher e recém-nascido, mas a que tiver de vir, que venha! Meu pensamento está ficando forte como uma fera.

E as rezas preventivas? E aquelas que a gente pode ter à mão para outros transtornos e vontades? O leitor distraído desses recursos, até que mergulhe em Cabral ou Boiteux, vá pegando sem constrangimento as citações que faço. Contra os inimigos em geral, por exemplo, deve-se trazer sempre num cantinho da boca esta invocação aqui, curta, sonorosa, cheia de mistério e poder: "Foge advérsia, meu inimigo! Venceu o leão de Juti, de raiz de Vitri, aleluia, aleluia, aleluia!" Para abrandar o gênio dum mau patrão ou dum mau marido, nada mais certo que recorrer a Santo Antônio nestes termos: "Santo Antônio pequeninho, amansador de touros bravos, amansai este homem, com todos os mil diabos!" Para casar, a mocinha não precisa sair por aí, com os riscos cada vez mais certos de perder-se. Diga a São Roque: "São Roque, meu São Roque, aqui estou a vossos pés, sem me rir e sem chorar, vos pedindo que me deis um noivo para casar. "Quem estiver começando a perder cabelos, dirija-se à lua: "Abênção, dindinha lua, Deus vos dê boa ventura: fazei que os meus cabelos me cresçam até a cintura." E é à lua que se vai pedir dinheiro. Com uma nota na mão, grita-se dentro da noite: "Deus te salve, lua nova, clara e resplandescente: quando vies outra vez, traz-me desta semente". Dizem que dá certo. Na primeira lua nova, lá estou eu, no sereno.

(Extraído do "Jornal da Semana" de Florianópolis.)



# CONTRIBUIÇÃO DO ÍNDIO AO FOLCLORE BRASILEIRO

O Folclore — sabedoria do povo — é uma resultante da dinâmica cultural no encontro das etnias. As manifestações culturais do português, do negro e do índio se juntaram, se confundiram, se mesclaram formando a base do saber popular, que também recebeu elementos da cultura erudita baixados e aceitos no meio de folk. A predominância do português marcou as formas que nasciam e se afirmavam; contudo, é grande e importante o legado do negro, inconfundível e significativo o valor da contribuição indígena.

Era o índio o dono da terra, quando do descobrimento. A teoria mais generalizada aponta o norte da Ásia como seu ponto de origem e o estreito de Behring como a porta de sua entrada no continente americano. Acredita-se em mais de 10.000 anos sua vinda ao Brasil. Neste longo período, conviveu, conheceu, explorou e se utilizou dos produtos do meio, descobrindo as riquezas da fauna e da flora, dando nome a lugares e acidentes geográficos. Numa economia de subsistência criou atividades e processos para a obtenção de alimentos e provisão de recursos que lhe garantisse a sobrevivência. Em processo exaustivo de experiências, soube transformar em boas as más qualidades de certas plantas (como, por exemplo, a mandioca, tornando-a indispensável à sua alimentação); revelou as propriedades terapêuticas de muitos vegetais; descobriu a borracha, indicou técnicas artesanais, patenteou expressões artísticas e introduziu muito do seu cotidiano, como hábito de fumar o tabaco, o costume de dormir em rede, o mutirão (prática social destinada a estrutura da comunidade).

Em ligeiro sumário, os itens relacionados representam alguns dos pontos a serem investigados e estudados para o melhor conhecimento da contribuição indígena ao folclore brasileiro:

1. ALIMENTAÇÃO — mandioca (carimã, tapioca); milho (canjica, pamonha, curau); insetos (dentre os quais a tanajura ou içá); quelônios, mariscos, crustáceos, peixes, aves, caças, palmito, mel, castanhas, pimentas, guaraná, amendoim, frutas nativas e seus sucos, moqueca, processo de moquear, etc.
2. INSTRUMENTOS MUSICAIS — vários tipos de flautas, maracás, chocalhos, guizos, zunidores, trocano, tambores, buzinas, trombetas, bastões de ritmo, etc.
3. RELIGIÃO — influência dos astros sobre os vivos e os vegetais, espíritos benfazejos e maus, gênios das águas, poderes ligados à natureza e aos fenômenos meteorológicos, pajelança, etc.

4. **ARMAS DE GUERRA** — tacape, espadas de pau, arco e flecha, borduna. A ponta de flecha era embebida em curare, substância preparada com várias espécies vegetais, com efeito paralisante ou mortal, sobre o homem e o animal. É hoje usado na anestesia.
5. **ARTES PLÁSTICAS E ARTESANATOS** — cerâmica (marajoara, tapajônica, santarena); utensílios e objetos domésticos de cerâmica, fibras e madeira; trançados de fios e fibras; cestaria; tecelagem de algodão e de fibras em tear rudimentar; rede de algodão e de fibras; pentes de osso e de chifre; plumária (leques, mantos e adornos: pulseiras, testeiras, braçadeiras, perneiras, colares, tangas, cocares, etc.); enfeites com penas, conchas, sementes, dentes e unhas de animais, fibras, etc.; máscaras de pele de animais, casca de árvore, sementes e fibras; processos de tinturaria com corantes vegetais; armadilhas e processos de caça e pesca, tipiti, aproveitamento de peles e couros, etc.; o emprego da borracha para diversos fins, etc.
6. **MITOLOGIA** — caapora, anhangá, saci, jurupari, cobra-grande, iara, rei-da-mata, boitatá, curupira, etc.
7. **TRANSPORTE** — vários tipos de canoa e a rede;
8. **DANÇAS** — guerreiras, imitativas, representativas da vida tribal, toré (nome tirado da trombeta que lhe fazia o acompanhamento musical, ainda em vigor no Nordeste) e outras inspiradoras das que são encontradas em vários Estados: tapuiadas, caiapós, caboclinhos, etc. O cururu e o cateretê são formas com raízes indígenas e foram largamente utilizadas na catequese, pelos jesuítas.
9. **MEDICINA** — a teológica, exercida através do pajé, e a natural, com o emprego de elementos vegetais e animais.
10. **HABITAÇÃO** — feitura de casas com armação de cipós, ripas ou troncos, entretecida com folhas de palmeira, utilizadas na cobertura, juntamente com o sapé.

\*

## **BIBLIOGRAFIA**

ALMEIDA, Renato — **A Inteligência do Folclore**. Rio de Janeiro, Editora Americana, 1975.

— **História da Música Brasileira**. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1942.

BALDUS, Herbert — **Lendas dos Índios Brasileiros**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1946.

BRANDENBURGER, Clemente — **Lendas dos Nossos Índios**. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1931.

CARDIM, Fernão — **Tratados da Terra e da Gente do Brasil**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1939.

CASCUDO, Luís da Câmara — **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1962.

— **Geografia dos Mitos Brasileiros**. Rio de Janeiro, José Olímpio Editora, 1947.

HUXLEY, Francis — **Selvagens Amáveis**. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1963.

MAGALHÃES, Couto de — **O Selvagem**. Rio de Janeiro, Typografia da Reforma, 1876.

MÉTRAUJ, A. — **A Região dos Tupinambás**. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1950.

PEREIRA, Manoel Nunes — **Moronguetá**. Um decamerom indígena, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1967.

— **Os Índios Maués**. Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1954.

PINTO, Estevam — **Os Indígenas do Nordeste** São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1935.

RIBEIRO, Darcy — **Línguas e Culturas Indígenas do Brasil**. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1957.

SCHADEN, Egon — **A Mitologia Heróica de Tribos Indígenas do Brasil**. Rio de Janeiro, MEC, Imprensa Nacional, 1959.

— **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1962.

SENNA, Nelson de — **A Influência do Índio na Linguagem Brasileira**. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1949.

TORRES, Heloíza Alberto — **O Indígena Brasileiro**. Rio de Janeiro, Enciclopédia Delta-Larousse.

Prof<sup>a</sup> Maria de Lourdes Borges Ribeiro

# REPRODUÇÃO CONSTANTE DA MOSTRA DE FOLCLORE INFANTIL GAÚCHO NO INSTITUTO GAÚCHO DE TRADIÇÃO E FOLCLORE

1979

ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

FOLCLORE INFANTIL GAÚCHO  
GLAUCUS SARAIVA

Página publicada no jornal Diário de Notícias de  
Porto Alegre, em 29 de janeiro de 1956.

Rapa ... Tira ... Bota ... Deixa ...

... a piorrinha de pau girou, girou e ... RAPA !

Lá se foi meu pau de fósforo queimado, minha tampinha de garrafa,  
meu naco de rapadura ...

O tempo ganhou na piorra e levou minhas riquezas:

Minha tropa macanuda, meu rebanho de primeira, minha tropilha de  
puro ... osso.

Meu gadinho tá perdido.

Meu lacinho de imbirá arrebentou!

Onde está minha aripuca e as boleadeira de sabugo?

Minha espada de talo de coqueiro, minha funda de borracha preta,  
meu trabuco de cano de guarda-chuva?

Eu joguei às brinca, mas o tempo foi às devera!

Perdi minha bolinha de vidro, a bola açá com que eu era seco e a mi-  
nha dentadura de casca de laranja.

'Stou abichornado ...

Não tiro mais berne nem ramela do meu cusco.

E porque os vagalume apagaro os candieiro lá no copo emborcado, a  
toca-violá fugiu da caixa-de-fós'ro.

Me tiraro do colo da mãe ... Agora ninguém canta:

"Bicho tutu

Detrás do murundu

Pegou no sapinho

E cometeu com angü ..."

'Stou brabo!

Vou guspi no chão p'ro tempo apagá ... si ele é home.

"Santa Luzia passou por aqui

Com seu cavalinho comendo capim ..."

Não, não é cisco no meu olho... é uma lágrima. Vou guardá ela e outros erros no meu bolso de saudade; junto com a minha funda e um canivete velho de cola volteada; com um anzol espetado numa ro-lha e três ovos de lesma; com um pedaço de bolo de milho que eu afanei lá da cozinha e um filhote de bem-te-vi que eu achei morto no campo.

Vou-me embora:

Pracatá... pracatá... pracatá...

Bamo, caálo gateado! — Taquara seca dá pingo aliviado.

Pracatá... pracatá... pracatá...

Vou robá uma melancia !!!

NOTA — Aqueles que — interiormente — não cresceram como nós, continuam a fazer mangueirinhas de saudade e gadinho de ilusão. E mesmo a gente grande — sabemos — tem, sempre, um guri dentro do peito. Moleque que pula e que bate querendo sair... mas ninguém o liberta com vergonha dos outros aqui fora.

Mesmo assim, é por causa desse piá que ainda existem bondade e encantamento neste mundo.

E para que o Rio Grande não cresça demais e fique triste esquecendo a melodia dos risos infantis, a pureza dos olhos das crianças e a ternura do canto das meninas, é que reunimos nossa quadrilha de moleques para — escondidos — pitar uma bagana e depois juntar nossos tarecos. Para recordar nossos brinquedos, jogos, caçadas, crendices, cantigas e voltarmos para a estância, para a vila, para os arrabaldes da cidade grande.

Para encolhermo-nos, nas noites de inverno, sob o poncho do Vô — cheirando a cavalo e cigarro de palha — e escutar, novamente, as histórias de peleias, fantasmas, de bichos que falam e que cantam. Para voltarmos ao colo da mãe e ouvirmos de novo:

“Dorme filhinho  
Dorme meu amor  
Que a faca que corta  
Dá talho sem dor  
E o sangue que corre  
É de Nosso Senhor...”

Aquele negrinho esfarrapado que roubou uma laranja é mais puro do que nós e está mais perto de Deus...

---

---

# NOTICIÁRIO :

---

---

## FOLCLORE NA EDUCAÇÃO

O Folclore na educação é uma necessidade social, unindo-se à cultura tradicional, levando até aos lares a tradição, fazendo surgir o interesse pelos nossos costumes.

É importante para a Educação, estabelecer o Folclore na Escola como força nacionalizante e elemento de vitalização das legítimas tradições de nosso povo, através de nossas fábulas, provérbios, trovas, adivinhações, brinquedos, da música, da arte, da dança, da leitura, da geografia, da história e matemática, permitindo favorecer a mentalidade dos alunos e conformação do homem brasileiro no meio ecológico, nas suas tradições históricas facilitando o desenvolvimento mental com maior interesse.

Nos vários congressos já realizados no Brasil, não somente de Folclore como também de Educadores, tem sido importante a atenção dispensada ao Folclore na Educação, sobretudo em se tratando do Folclore nas escolas, sendo recomendado aos Governos a instituição de Cadeiras de Folclore nos Institutos de Educação ou a inclusão de disciplinas nas cadeiras relacionadas ao setor educacional.

---

## FOLCLORE NAS ESCOLAS São Francisco do Sul

TARDE DE FOLCLORE foi o título da promoção folclórica realizada pela supervisão local de Educação de São Francisco do Sul, a 25 de novembro de 1978.

Especialmente convidado pela Direção da Escola Básica "Carlos da Costa Pereira" esteve presente o Presidente da Comissão Catarinense de Folclore.

A Tarde de Folclore, teve lugar no Ginásio de Esportes A Comunidade Participa", com a presença das Escolas Básicas "Carlos da Costa Pereira", "Felipe Schmidt", "Professora Claurenice Vieira Caldeira", "Vitor Konder", "Prof. Nicola Baptista", "Eng. Anes Gualberto", e "Colégio Normal Santa Catarina".

A promoção foi das mais válidas, coroada de pleno êxito, visto que vem ao encontro do trabalho desenvolvido pela Comissão Nacional de Folclore e Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, no sentido de ser promovido o nosso folclore nas escolas, a fim de que possa despertar em nossas crianças o interesse por aquilo que de mais belo reúne: as manifestações da nossa cultura popular.

## TARDE DE FOLCLORE

**Dança do Balaio.** — Os alunos da Escola Básica “Carlos da Costa Pereira” abriram a “tarde do folclore” com a dança do “balaio”.

**Samba de Rua** — Foi a apresentação dos Alunos da Escola Básica Felipe Schmidt”.

**Dança Portuguesa** — A Escola Básica “Professora Claurenice Vieira Caldeira” brindou a assistência com sua apresentação.

**Maxixe** — Revivendo as primeiras décadas de 1900, os jovens alunos do Colégio Normal Santa Catarina, apresentaram a dança “Maxixe”, dança que movimentou os salões dos grandes centros urbanos do Rio de Janeiro.

**Dança da Quadrilha** — Como não poderia deixar de ser a Escola Básica “Vitor Konder” apresentou-se com a “quadrilha”. Sátira dos grandes bailes das grandes Sociedades. É revivida no Brasil em forma satírica, onde o sertanejo é o elemento ridicularizado na sua pobreza e simplicidade.

**España-Cani** — A Escola Básica “Nicola Baptista”, homenageia a cultura popular hispânica com a dança “Epaña-Cani”. A Escola Básica “Anes Gualberto” apresentou a “DANÇA PORTUGUESA”



## EXALTAÇÃO A IEMANJÁ

Foi o número de maior destaque das apresentações proporcionadas pela Escola Básica “Carlos da Costa Pereira”. O salão ornamentado por um manto azul estrelado, representando o mar com as estrelas refletidas, sobre o qual permanece a figura de bela jovem, em vestido azul longo, destacando-se de suas mãos ramalhetes de estrelas. Ela representava Iemanjá. Duas alas de jovens todas em longos vestidos brancos, descalças, eram as filhas da Rainha do Mar.

A Exaltação é realizada em movimentos coreográficos ondulantes, simbolizando ondas, onde se destaca a graciosidade e beleza de cada jovem. O culto à rainha em toda sua extensão leva os crentes à certeza de obtenção de graças através das oferendas, representadas nas mais diferentes ofertas. Ao concluir, a jovem rainha se reúne às filhas, participando de sua exaltação, recebendo os aplausos da grande assistência.

Dirigidas pela abnegada Professora Sônia Maria Copp da Cruz e Regina Moreira da Silva Gomes, professora de Educação Física, entusiastas do Folclore na Educação, as jovens que compõem o grupo, estou certo, poderão figurar em quaisquer festivais de Folclore, com o número que representam.

---

## O BOI-DE-MAMÃO CATARINENSE EM DISCO

Documentário Sonoro Nº 27, "Folclore Brasileiro" — Boi-de-Mamão Catarinense.

O folguedo do "Boi" existe no Folclore Brasileiro em mais de uma forma. Vários são os Estados do Brasil que apresentam a brincadeira do Boi. O tema épico é o mesmo, "morte e ressurreição do boi".

O Boi entra em cena, impetuoso, valente, investindo sobre o vaqueiro e Mateus que comandam a pantomima. De repente, fica doente, morre, é benzido e finalmente ressuscita.

Segundo registro, os primeiros grupos se apresentaram como bumba-meu-boi depois boi-de-pano e por último boi-de-mamão.

Já em 1871, o historiador José Boiteux, registra em seu livro "Águas Passadas" no capítulo "Viva-se Boi", como boi-de-mamão. Essa é a notícia impressa mais antiga que se tem conhecimento.

No Nordeste o bumba-meu-boi tem apresentação mais dramática. No Sul se apresenta um boi de criação mais graciosa, com coreografia mais alegre. É uma brincadeira preferida das crianças, a despeito mesmo do seu temor pelas investidas do boi e da fantasmagórica bernúncia.

Atribui-se o nome de "boi-de-mamão" às crianças que na pressa de fazer a figura de boi, usaram um mamão verde, e quando apresentado, foi chamado de boi-de-mamão.

O folguedo do boi-de-mamão, além das figuras, boi, cavalinho, cabra, urubu, o vaqueiro, o Mateus e o doutor tem a cantoria com pandeiros, tamborim, sanfona, violão, os cantores e o chamador que canta a entrada das figuras.

"Olhe lá mestre vaqueiro/ você preste atenção/  
Vá buscar meu boi malhado/ traga pro meio do salão/

Cantoria

"Olé, olá/ Nosso boi quer vadiá"./

Com o decorrer dos anos, novas figuras foram introduzidas: urso, macaco, caipora, anão, maricota, bernúncia e outras, com o objetivo de valorizar o grupo. Suas apresentações são à noite e antecedem as festas de Natal, prolongando-se até pouco antes do Carnaval.



Acredita-se que o folguedo do boi, chegou à Santa Catarina com os povoadores portugueses "açorianos". Esta assertiva deriva-se do registro no "Dicionário do Folclore Brasileiro", de Câmara Cascudo, (2<sup>o</sup> ed. rev. e aum., Brasília, INL, 1972, v. I, p. 175). "Houve também na Espanha e Portugal os touros fingidos, feitos de vime, bambu, arcabouço de madeira frágil e leve, recoberto de pano, animado por um homem no seu bojo dançando e pulando para afastar o povo" e mesmo desfilando diante de reis".

São inúmeros os grupos folclóricos de boi-de-mamão em Santa Catarina. As cantorias obedecem ao mesmo ritual da pantomima da morte e ressurreição do boi. O mestre Mateus e o vaqueiro dramatizando a cena, com o doutor, o urubu, e finalmente o benzimento do boi que se levanta curado. /"alevanta boi dourado/ alevanta devagar/  
vem cá meu boi/ vem cá".

O ritual é o mesmo, mas as versificações são várias. Quase sempre o "chamador" é poeta repentista, que aproveitando as situações envolventes da apresentação, versifica aludindo às coisas do momento.

"Ó moça bonita/ chega na vidraça/  
vem ver meu boi/ passear na praça/.

A Sociedade Folclórica Boi-de-Mamão de Itacorobi, com seu chamador Estêvão Tomé Filho, e seus companheiros de cantoria, acabam de gravar um disco numa seqüência de versos girando em torno do boi, cavallinho, cabra, urso, bernúncia e maricota, com a despedida e a "meia-lua" que consiste no desfile de todas as figuras.

**Apresentação:** Doralécio Soares.

**Ficha Técnica:** Interpretação: Soc. Folclórica Boi-de-Mamão de Itacorobi. Mestre de cantoria: Estêvão Tomé Filho.

**Instrumentos Acompanhantes:** Gaita (acordeon) José Sardá.

**Bumbo:** Advaldo Sardá.

**Pandeiros:** Campolino Ramos, Firmínio Pires, Idalino Barbosa e André Porfiro. Com exceção do gaiteiro, todos os músicos participam da cantoria.

**Gravação:** Realizada em 30/11/76, nos estúdios da IMASOM, Florianópolis, SC.

**Técnico de Som:** Luís Henrique Rosa.

**Montagem e Supervisão:** Prof. Aloysio de Alencar Pinto.

**Produção:** Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

**Diretor Executivo:** Bráulio do Nascimento — Rua do Catete 179 — RJ.

**Lançamento:** A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, fez o lançamento do disco "Boi-de-Mamão Catarinense", por ocasião da inauguração do Museu de Folclore Edson Carneiro, no dia 5 de março, no Rio de Janeiro.

Representa uma homenagem ao insigne folclorista cuja contribuição aos estudos das manifestações da cultura popular está registrada através de várias obras de sua autoria.

## FUNARTE LANÇA NOVAS EDIÇÕES SOBRE O FOLCLORE BRASILEIRO

"O Divino, o Santo e A Senhora" de Carlos Rodrigues Brandão, vencedor do Prêmio Silvio Romero de 1975; dois números da Série Cadernos de Folclore; e dois discos da Série Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro, são os novos lançamentos do Instituto Nacional do Folclore da FUNARTE.

As novas edições estão à venda unicamente no Rio de Janeiro, na sede da FUNARTE, podendo ser obtidas nos Estados mediante pedido de reembolso postal dirigido à Fundação Nacional de Arte, Rua Araujo Porto Alegre, 80-Rio de Janeiro-RJ CEP 20.030-Setor Loja.

### AS PUBLICAÇÕES

Da série Cadernos de Folclore, foram lançados mais dois números, ao preço de Cr\$ 12,00. O nº 27 "Boi-de-mamão-catarinense", de Doralécio Soares e o nº 28 "Quilombo" de Théó Brandão. Os cadernos incluem bibliografias, ilustrações com fotos dos folguedos, as letras das músicas cantadas nas festas folclóricas acompanhadas das pautas musicais.

Já os novos discos compactos da Série Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro, vendidos a Cr\$ 20,00 são "O Boi-Mamão de Santa Catarina", como cinco músicas gravadas, interpretadas pela Sociedade Folclórica Boi-de-Mamão de Itacorobi (SC); e o nº 28 "Dança do Lelé do Maranhão", com quatro músicas gravadas pelos Brincantes do Lelé de Rosário (MA).

Completa o conjunto das novas edições, o livro de Carlos Rodrigues Brandão "O Divino, O Santo e A Senhora", ganhador do prêmio Silvio Romero de 1975, destinada anualmente à melhor monografia sobre o Folclore. O livro é ilustrado com fotos e mapas, detalhando as festas religiosas de Goiás, acompanhado ainda por uma vasta bibliografia. O preço do volume é de Cr\$ 40,00.

---

## PROGRAMA DA FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

Ao assumir, a Superintendência da Fundação Catarinense de Cultura, recém-criada pelo Governador Jorge Bornhausen, o professor João Nicolau Carvalho disse que seu primeiro objetivo é "fazer com que os catarinenses se conheçam a si mesmos". Mais adiante, ele reportou-se ao "Plano que pretendemos desenvolver, de acordo com as diretrizes da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, através do Conselho Estadual de Cultura, sintetizado nos seguintes objetivos:

**LITERATURA:** criação do Instituto Catarinense do Livro, com um Fundo Editorial; Clube do Livro; Convênios com Prefeituras e assinantes, em condições para a edição de, no mínimo, duas obras por mês; publicação da Rev. Catarinense de Cultura, trimestral e monográfica; publicação de um jornal, mensal, de cultura, com concurso permanente de contos, poesias, cartuns, fotografias, etc.

**ARTES PLÁSTICAS:** exposição permanente no saguão de entrada desta Casa da Cultura; edição de um catálogo para vender obras de artistas catarinenses, com financiamento do sistema financeiro do Estado: disseminação da Escolinha de Arte.

**TEATRO:** melhor aproveitamento do Teatro Álvaro de Carvalho. Interiorização dos grupos amadores de teatro da Grande Florianópolis e constante intercâmbio com grupos de outros centros. Por determinação do Secretário de Cultura à construção de uma nova casa de espetáculos para o nosso Estado.

**MUSEUS:** enriquecimento do acervo e campanhas de visitação junto às escolas, público em geral e turistas. Apresentação, nos museus, de quartetos, quintetos, realização de palestras e seminários.

**FOLCLORE:** apoio à Comissão Catarinense de Folclore; edição, através do Clube do Livro, da Revista Catarinense de Cultura e do Jornal de Trabalhos sobre o assunto; apoio às entidades que cultivam o folclore.

**CINE CLUBE:** criação de um cinema de Arte, utilizando-se o auditório da Casa da Cultura.

**INTERIORIZAÇÃO DA CULTURA:** aproveitamento das Fundações Educacionais; dos centros sociais urbano, já existentes em várias cidades do Estado, para a realização de exposições, seminários, shows, peças teatrais, lançamento de livros, pintura, artesanato, corais, etc.; construção de teatros; aquisição de dois circos de lona, facilmente desmontáveis, para percorrer pequenas comunidades catarinenses.

**BIBLIOTECA PÚBLICA:** campanha permanente de visitação; aumento do acervo, principalmente de obras relacionadas ao Estado. Decreto do Governador, estabelecendo que as editoras catarinenses encaminhem à Biblioteca Pública três exemplares de toda e qualquer obra editada em território catarinense; o mesmo com relação a revistas e jornais; exposição de obras raras pertencentes ao acervo da Biblioteca, publicação de catálogo bibliográfico; recuperação de obras raras, com treinamento, na Biblioteca Nacional, do pessoal para as tarefas de recuperação de livros'

**DOCUMENTOS HISTÓRICOS:** convênios com organismos nacionais e internacionais, buscando recursos para a recuperação e preservação de prédios e monumentos de interesse da memória catarinense e nacional. Na música apoio constante às sociedades do tipo "Pró-Música", corais, sociedades folclóricas, bandas, etc.; edição de discos.

---

### **FESTA CRIOULA REÚNE VÁRIOS GRUPOS DO VALE**

O Centro de Tradições Gaúchas "Verde Vale", de Blumenau, promoveu no mês de julho, na Chácara São Marcos, sítio entre Blumenau e Indaial, a Festa Crioula, com a participação de mais de dez CTGs, representando as cidades de Rodeio, Itajaí, Ilhota, Indaial, Pouso Redondo, Brusque e Gaspar, elevando-se a 80 os participantes. Do programa constou: gineteada, concurso de laço, dança da cadeira, prova de estafeta, finalizando com uma tourada. Complementando a promoção foram realizadas em homenagem ao Ano Internacional da Criança, gineteadas com pôneis para os garotos presentes, recebendo prêmios os que se mantiveram maior tempo sobre os pôneis.

## VII FESTIVAL DE INVERNO DE ITAJAÍ

Anualmente a Prefeitura Municipal de Itajaí, promove o Festival de Inverno, já no seu VII ano de realização.

Promoção que tem recebido o apoio do Governo do Estado e do Ministério da Educação e Cultura, através dos seus órgãos culturais.

O VII Festival de Inverno de Itajaí, de 1979, desenvolveu-se de 1º a 15 de julho, tendo como abertura o Encontro Estadual de Bandas, com a participação das tradicionais Bandas de Música: Guarani, de Itajaí, Musical e Cultural, de Santo Amaro; Amor à Arte, de Florianópolis; Araújo, de Brusque e Municipal, de Blumenau.

Encontro de Literatura Infantil para Professores de 1º Grau. Abertura de Oficinas de Xilogravuras. Apresentações Teatrais. Exposições de Arte Infantil. Serestas e Seresteiros. Feira de Arte e do Livro. "Flocos de Neve", participação artístico-infantil pelo Grupo do Rio dos Cedros. Concursos de Poesias. Recital de Canto Lírico pelo Tenor e Soprano Giácomo Riziere e Abigail Spindela Savii. Teatro Infantil com a "Revolta dos Brinquedos" pela equipe "Vira-Lata" de Blumenau. Balé Moderno e Dança e Jazz-Grupo Studio Danças-Fpolis. Cursos de História da Arte pela Profª Marly Silva de Almeida Pereira, da Fundação Alvares Penteado, SP. Curso de Teatro e Educação, Profª Yara Silveira. "Grupo Phoenix" da FURB, com a peça "Os 7 Gatinhos", de Nelson Rodrigues. Cursos de História da Arte. Exposição de "Arte e Artesanato" de Elisabet Malburg. "Os bem-te-vis da Sé Catedral", Pequenos Cantores de Diamantina, MG. Exposição Arte Infantil Japonesa. Coral "Cantores do SESI". Debates "A Educação da Criança nos Dias Atuais", com a Profª Édila Coelho Garcia, do Conselho Federal de Educação, Rio. Exposição de Literatura Infanto-Juvenil. "A Saúde Infantil", debates com Dr. Rinaldo Lamare. Debates "A Marginalização do Menor" — Preventivos e Corretivos", Profª Ecléa Guazzelli. Concertos de Candelabros — Orquestra de Câmara de Florianópolis. Missa Pastoral do Padre José Maurício com o Coral Santa Cecília e Orquestra de Câmara de Florianópolis. Teatro Infantil "A Menina das Estrelas" de Jurandir Pereira. Grupo Açoriano de Teatro. Missa de Encerramento com a participação do Coral Villa Lobos e Grupo de Cordas de Itajaí. Concerto do Coral e Orquestra da Sociedade Cultural e Artística de Joaçaba e Herval D'Oeste sob a regência de Alfredo Siwalt

## FESTIVAL DE INVERNO

### FOLCLORE CATARINENSE

Palestra do Sr. Doralécio Soares, Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, sobre "Aspectos do Folclore Catarinense". A noite, realizaram-se no Ginásio de Esportes, apresentações dos Grupos Folclóricos: "Grupo Tradição Catarinense", de Navegantes, regionalmente vestidos, apresentaram as danças, Girassol, Quadrilha e Lageana. "Grupo Alpino Germânico" de Salto/Blumenau. Tradicional conjunto que tem levado a várias partes do Brasil a cultura teuto-brasileira. Apresentou: "Dança dos Alpes, Dança das Fitas, Dança dos Tapas, Dança do Ciúme, Lenhadores nos Alpes". Finalizando as apresentações da noite, coube à Sociedade Folclórica "Boi-de-Mamão, de Itacorobi" exibir o tradicional "folguedo" catarinense.

Grupo dos mais completos, tem se apresentado com grande sucesso em outros Estados, principalmente em São Paulo, para onde tem sido sempre requisitado. Preparado para se exibir fora da época cíclica, reúne um conjunto dos mais completos do Estado.

---

## FEIRA DE ARTE E ARTESANATO EM JOINVILLE

A Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, através da Casa da Cultura, vem realizando a sua costumeira Feira de Arte e Artesanato, geralmente aos sábados, quando reúne de acordo com a sua programação, muitas atrações. Grupos musicais, artistas plásticos, teatro com encenação de várias peças por grupos locais, além de comidas típicas da região. Além de exibição de filmes infantis, do acervo do Museu Arqueológico de Sambaqui, tem tido a participação dos artistas plásticos, Edson Machado e Jurandir Schmidt entre outros, bem como escritores e poetas joinvilenses expondo e distribuindo textos literários.

Convém destacar a realização do Concurso de Arte e Artesanato do Trabalhador, numa homenagem da Prefeitura no dia 1º de maio, com mais de 100 inscrições. Os trabalhos que variaram desde cerâmica, desenho, trabalhos em vidros e até a confecção de uma canoa, alcançou êxito total. Visou a promoção à classe trabalhadora de Joinville, objetivando a descoberta de talentos novos entre as classes trabalhadoras e seus dependentes. O Concurso que se realizou na Praça Nereu Ramos, estendendo-se à Rua do Príncipe apresentou diversas atividades culturais e exposições artísticas, além da confecção de uma tarrafa de barbante tucum, hoje extinto, pertencente ao folclore da região. Estiveram presentes, um artesão trançando um balaio e um oleiro realizando maravilhas com sua arte de fazer peças de barro. Para maior brilhantismo participaram os grupos folclóricos, Silberfluss, com seus números de folclore germânico, a invernada artística do CTG Chaparral e o grupo de fandangos "Os Tangarás" — com seus números de danças típicas do folclore luso-brasileiro.

---

# Lages

## ARTE DO POVO: DOS SALÕES ERUDITOS AOS BAIROS POPULARES.

Exposição de artesãos rurais . . .

A audácia de optar pelos trabalhadores, classe social que via de regra não tem acesso a qualquer expressão artístico-cultural, e o primeiro passo a ressaltar no tratamento dado à questão cultural de hoje em Lages. Assim, o eixo das promoções deixou de ser o centro da cidade para se deslocar aos bairros e distritos, o erudito cede lugar ao popular e o imposto pelos meios de comunicação de massa deu lugar ao espontâneo, ligado à realidade local. Em segundo lugar, verifica-se que dois dos projetos principais, — a "Amostra do Campo" e a "Amostra Suburbana" —, enunciam explicitamente o reconhecimento de que os trabalhadores urbanos ou rurais possuem valores culturais expressivos, até agora com poucas oportunidades de manifestação e valorização.



Na prática, estas concepções são aplicadas a partir do momento em que algumas pessoas ligadas aos projetos citados procuram um grupo organizado (conselho de pais, associação de moradores, grupos de jovens) e propõem a realização de uma festa com exposições de pintura, artesanato, teatro, música, trova, rodeio, etc., somente com valores daquele bairro ou distrito. O representante do projeto atuará apenas como co-organizador, enquanto à comunidade caberá a organização da festa e a procura dos artistas, que deverão pertencer somente àquele contexto social.

Assim, surgem os sanfoneiros, os trovadores, os pintores, os artesãos, os atores — e a festa vai aos poucos materializando-se. Sem grandes ídolos, a festa se realiza, sempre com bom público, entusiasta e participante, que vibra fazendo de seu vizinho um ídolo aos propostos pelos meios de comunicação de massa. “Nada impor é o mandamento básico de nossa proposta”, diz Munarim, Secretário Municipal de Cultura e Esporte de Lages. Para ele, “o importante é resgatar a cultura popular e proporcionar ao homem comum oportunidades para sua auto-descoberta e para que ele se sinta efetivo co-participante de sua comunidade e da história de seu tempo”. E conclui: “Para nós o homem não é um recipiente em que possa e deva jogar qualquer coisa. Nós impomos nada, a questão é recuperar e deixar que a expressão artístico-cultural brote espontaneamente”.

#### **AMOSTRA PARA O CAMPO**

— Já nas atividades pedagógicas no interior do município, sentíamos a necessidade de abrir um espaço maior, em que fosse possível fazer uma educação rural a partir de uma realidade rural, sem impor modelos urbanos — destacou Sônia Branco, da Divisão de Pesquisa e Promoções Culturais da Prefeitura de Lages, ao explicar que a amostra do campo é um projeto de resgate da cultura campesina.



— O ponto de referência para as promoções é sempre a escola, complementa Lori Terezinha Koeche, da Divisão do Patrimônio Histórico-Cultural. Para ela, “a escola deixou de ser aquele estabelecimento tradicional para se constituir num projeto de toda a comunidade”. Assim, quando da articulação de uma mostra do campo, quase sempre em torno da escola, os moradores dos distritos se reúnem com os representantes do projeto, os valores que existem na comunidade são levantados e é elaborada uma programação. A tarefa de organizar a festa e selecionar os valores é transferida o máximo possível para os moradores do local onde se realizará a promoção.



Geralmente as festas constam de mostra de artesanato (talvez o ponto mais alto da promoção), que é constituído de bicharas, esculturas e diversos trabalhos em lã, couro, chifre e nó de pinho. São comuns as rodas de chimarrão, as barracas de arroz carreteiro, os desfiles de cavaleiros com indumentárias típicas, exibições de trovadores, sanfoneiros e outros componentes. Para Valmor Beltrame, é possível constatar-se particularidades em cada distrito, calçadas na realidade local. Assim, é possível estabelecer uma diferenciação entre a produção artesanal de um distrito mais industrializado, como, por exemplo, Otacílio Costa, onde os artesãos empregam materiais como o plástico e o papel, revelando maior grau de infiltração de cultura urbana, ao passo que, em distritos como Bocaina do Sul, eminentemente agropastoril, o artesanato é confeccionado somente com elementos naturais.

De um modo geral, a “Amostra do Campo” consta de um ou dois dias festivos em cada distrito, com exposição de trabalhos de crianças e da comunidade e uma mostra agropecuária (cunicultura, apicultura e implementos agrícolas). O momento artístico apresenta concursos de trova,



danças, poesias, cantos de adultos e crianças, coletânea de lendas e crônicas da região e apresentação de algum grupo profissional.

O estímulo à produção artesanal, segundo Munarim, Secretário de Cultura, Esporte e Turismo, tem apresentado resultados rápidos, sendo por isso possível estabelecer claras diferenças entre os primeiros trabalhos realizados pelo mesmo artesão e os últimos, às vésperas da amostra. Para ele, o objetivo seguinte é transformar a produção artesanal na amostra do campo numa produção permanente. Para tal deverão ser criadas condições, especialmente físicas, em que os moradores possam se reunir para executar seus trabalhos, nas horas de folga, trocar experiências e conviver artisticamente.

A produção temática dos camponeses, segundo Munarim, não resalta problemas sociais, ligados à terra ou ao sistema econômico. "Especialmente as letras das trovas e músicas são ligadas ao trabalho e ao misticismo. Por outro lado, não se encontra o hábito de imitar modelos veiculados pelos meios de comunicação de massa".

Além de vários bairros, quatro distritos já foram cobertos pela promoção: Painel, Otacílio Costa, Capão Alto e Índios. Para Valmor Beltrame, "é possível destacar uma melhoria na qualidade da produção artesanal cada nova amostra do campo, possivelmente em virtude do intercâmbio dos vários distritos". Para completar a programação, deverão ser realizadas mais 10 amostras do campo ainda neste ano. Aos poucos, a amostra do campo vai ampliando suas finalidades. Munarim citou como exemplo a reunião preparativa realizada em Bocaina do Sul, onde a comunidade apresentou várias reivindicações ligadas à vida rural.





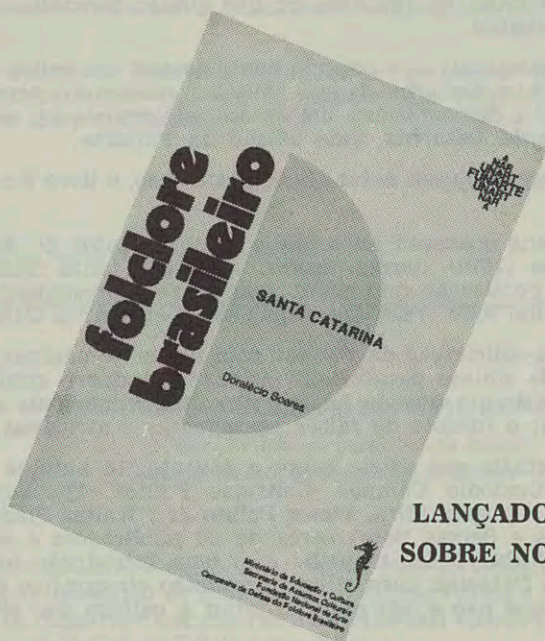
### AMOSTRA SUBURBANA

O processo nos bairros é semelhante à amostra do campo. O grupo procurado para organizar a festa é um dos muitos já existentes no bairro — conselho de pais, grupos de jovens, associação de moradores, grupos de teatro —, mas a exposição tem algumas diferenças em relação à amostra do campo. Quase sempre se faz uma apresentação de grupos folclóricos, re-treta com banda, apresentações de teatro, exposição do artesanato do bairro, recreação orientada para crianças, recital de canto coral e exposição de poemas, trovas e versos.

Também no bairro o ponto de referência é a escola. A pretensão da Secretaria de Cultura é efetuar um cadastramento completo de todos os que façam alguma atividade artística, e esse é um dos objetivos paralelos e afins com as duas amostras. “A expressão cultural dessa faixa da população, até agora marginalizada, é muito rica”, assegurou Sônia Branco. Para ela, não existe um marco entre as categorias urbana e rural, pois as pessoas pertencem a uma mesma classe social e tem problemas muito semelhantes, embora vivam em realidades que apresentam diferenças acessórias notáveis. Porém, existiria uma certa homogeneização cultural entre essas duas categorias, o que confirma a sua similaridade como classe social.

---

Transcrito do Jornal “O Estado” de Florianópolis.



## LANÇADO NA FCC LIVRO SOBRE NOSSO FOLCLORE

Com a apresentação da Sociedade Folclórica Cacumbi “Capitão” Francisco Amaro, do Estreito, que dançou o cacumbi e o boi-de-mamão, foi realizado na quinta-feira à noite de 27 de setembro, na Fundação Catarinense de Cultura, o lançamento do livro “Folclore Brasileiro/Santa Catarina”, do folclorista Doralécio Soares. Ao acontecimento estiveram presentes autoridades, escritores, estudantes e amigos do escritor.

O trabalho do professor Doralécio reúne estudos sobre o folclore de Santa Catarina, incluindo textos e ilustrações sobre os componentes culturais do folclore, linguagem popular, literatura oral, danças e folguedos folclóricos, cultos populares, arte e artesanato, culinária, calendário de festas populares. O livro faz parte da série “Folclore Brasileiro”, e editado pelo MEC, através da Secretaria de Assuntos Culturais, Funarte e Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, e que pretende publicar livros sobre o folclore de todos os Estados Brasileiros.

### A VOLTA DO PÃO-POR-DEUS

Com as aberturas muitas que se abrem por aí, uma delas vem voltando com razoável fôlego: a abertura cultural. Das grandes publicações nacionais aos pequenos e ajeitados estudos de nossa gente distribuída na sala-de-aula, no púlpito, na imprensa, no rádio e na televisão, começam a despontar idéias outras que não aquelas da Ideologia dominante.

Entre estas idéias, para não descambar por outros rumos, está “o papel de um intelectual numa sociedade em mudança”. **Intelectual**, aqui, vem entendido, não como aquele cara com cara de Academia e nem com bafos de Boemia, mas como aquele alguém que se deu conta de um “compromis-

so" fora das quatro paredes de sua casa ou dos quatro cantinhos do seu emprego ou do seu trabalho.

Um dos nossos intelectuais — e quando digo "nossos" me refiro à Santa Catarina — que nunca descurou de sua "missão" mesmo em tempos de vacas magras culturais e democráticas, um desses intelectuais é o autor de **Folclore brasileiro - Santa Catarina**, uma edição da Funarte.

Um livro é um livro e não seu autor. Mas, neste caso, o livro é o autor: Doralécio Soares.

Deve fazer uns bons quarenta anos que o também autor de **Aspectos do folclore catarinense** (1970), dorme, acorda, almoça e janta folclore de Santa Catarina. E a publicação que agora vem de ser apresentada é um dos frutos desse trabalho todo. (Ele, que nem nasceu em Santa Catarina!)

Resultante de uma solicitação da Funarte, com limite de páginas, o Autor faz um prodígio de síntese para situar, colocar, estudar e analisar os componentes culturais de um tipo de folclore que predomina mais no litoral de Santa Catarina: o folclore de raízes portuguesas e africanas.

Munido da bibliografia que existe sobre o assunto, 18 autores (entre eles Oswaldo Cabral, Custódio Campos, Henrique Fontes, Theobaldo Jamundá, Oswaldo Melo, Crispim Mira, Victor Peluso Jr., Walter Piazza, Silvio Coelho dos Santos e Seixas Neto) cerca de 30 publicações e mais as pesquisas próprias, DS abre o seu trabalho com uma introdução histórica e geográfica da Santa Catarina para situar o rendado etnográfico gerador de um saber popular que não é, em nada, inferior à cultura das elites: é, apenas, diferente.

Vem, a seguir, o capítulo da "Linguagem popular" com o falar do ilhéu, dos municípios serranos, da vida campeira, da zona teuta. A partir do capítulo da "Literatura Oral", o livro mergulha mais intensamente no folclore de raízes portuguesas: orações, provérbios, quadrinhas, danças e folguedos (o boi-de-mamão está nas páginas 29/32), cultos populares, arte e artesanato, costumes e hábitos alimentares do ilhéu, medicina popular, pesca e festas tradicionais. E para terminar seu livro, Doralécio Soares transcreve a letra e a música do Boi-de-mamão de Itacorubi e estampa 15 fotografias para visualizar parte das afirmativas que se encontram nas páginas anteriores.

Infelizmente — deve ter sido o problema da limitação de páginas imposta pela Funarte — poucas são as incursões do folclore que existe fora do Litoral catarinense. E, por isto, o autor fica a nos dever o outro livro que vem escrevendo: o folclore dos colonos italianos, o folclore dos homens das minas de carvão, dos operários do Vale com suas bicicletas, suas casas de enxaimel e suas músicas de igreja. Bem como, o folclore dos catagapas (elia-se catarinense-gaúcho-paranaense do Meio e do Extremo-Oeste.)

Por não ser um tratado com as profundas elocubrações antropológicas e estruturalistas que invadiram o "saber brasileiro nos anos quando ninguém queria se comprometer com nada, o livro **Folclore brasileiro - Santa Catarina** é uma prova de que as raízes de um povo — ou, pelo menos, de uma região — tem que ver com todo o mundo e não, apenas, com doutor de anelão, falando e escrevendo uma linguagem aprendida em Universidade das estrangeiras.

A apresentação, os detalhes, o enfoque e a seqüência das pesquisas e da análise, tudo vem escrito em linguagem adequada, tudo vem dissecado

na linguagem certa que o intelectual compreende e o povão não deixa de entender.

Em tempos de abertura, “grandes” e “pequenos” podem sentar junto e catar as suas raízes. Que são as mesmíssimas raízes de todas as gentes do Litoral de Santa Catarina.”

## CELESTINO SACHET

Transcrito do Jornal “O Estado”

---

### CONCURSO NACIONAL MARECHAL RONDON 1979

Menção Honrosa para a Escola Básica  
Gomes Carneiro, do Município de Xaxim – SC

O aluno Carlos Roman Oster, da 8a. série do Colégio Imperatriz Dona Leopoldina, do município de Garapuava – Colônia Vitória e Entre-Rios, Paraná, ganhou o 1o. lugar no Concurso Nacional Marechal Rondon – 1979, promoção da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

O prêmio, de Cr\$ 10.000,00, foi entregue no último dia 12, na Sede da Fuarda, no Rio, durante as comemorações do Dia da Criança.

Neste ano, o Prêmio Marechal Rondon foi destinado a estudantes de 1o. grau de todo o país e o tema escolhido foi cultura indígena, seus mitos, suas lendas, o artesanato, a alimentação, as festas, os cantos, a medicina, etc., incorporada ao folclore brasileiro.

Além do 1o. prêmio, a comissão julgadora resolveu dar Menção Honrosa ao trabalho de Marlene Moreira da Souza, aluna da 7a. série da Escola Estadual Professor Soares Ferreira, do município de Barbacena, em Minas. *Também Rejane Lunardi e equipe, alunos da 8a. série da Escola Básica Gomes Carneiro, do município de Xaxim, Santa Catarina, recebeu Menção Honrosa.* Já o aluno Antônio Cicalise Netto, da 7a. série da Escola Irene Cicalise, do município de Aquidauana, Mato Grosso, recebeu Voto de Louvor.

A comissão julgadora foi composta por Elza Cameu (presidente da banca), Profa. Vera Lúcia Calheiros e Marco Antônio da Silva Mello.

---

# C.T.G. DO BARBICACHO COLORADO

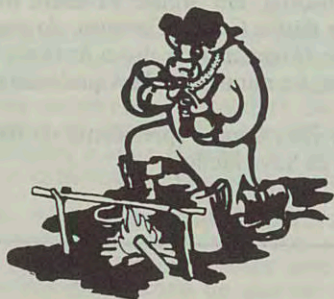
## A Querencia do Boi de Bota

Fundado a 19 de Fevereiro de 1961 na Estância do Pinheirinho, LAGES, SC. Assim chamado em referência ao facto histórico citado em livro pela filha de Anita Garibaldi segundo a qual a Joana D'Arc Farroupilha, quando em campanha em Lages, prendera o chapéu sob o queixo com fita colorada. BOI DE BOTA é nome historicamente dado aos lageanos, em particular aos que andam de bota e se dedicam a ganadeira, e constitue, para os Colorados, título de honra.

Este C.T.G. promove, além da Festa de Aniversário e outras, quatro Grandes Festas anuais, que coincidem com as quatro Estações do Ano, a saber as Festas do Outono, da Geada, da Primavera e do Sol.

## FANDANGO DA PÁTRIA

7 de Setembro de 1963



C.T.G DO BARBICACHO  
COLORADO



BATALHÃO  
RONDON

LAGES - S C



# C.T.G. DO BARRICACHO COLORADO

## A Guerrilha do Sul de Bata

Fundado a 18 de Fevereiro de 1961 na Estância do Pinheiro, LAGEB, AC. Assumiu sempre um carácter de facto histórico quando em Bata pela filha do Alcaide Garibaldi se mudou a qual a jovem Maria Fátima, quando em campanha em Lagos, prendeu e chegou sob o queixo com fita vermelha. BOM DO SUL é uma homenagem dada aos legados, em particular aos que se dedicam de corpo e alma à luta, e constitui, para os Unidos, título de honra.

O C.T.G. organiza, além da Festa do Aniversário e outras, quatro grandes festas anuais, que coincidem com as quatro estações do ano, a saber as Festas do Outono, da Primavera, do Verão e do Inverno.

## FANFANHO DA PÁTRIA

7 de Setembro de 1963



C.T.G. DO BARRICACHO  
COLORADO



ESTALHÃO  
RONDON





CONSELHO ADMINISTRATIVO DE SUZUIZAS

Nomes	Endereços — (Telefones)
Guilherme Soares (Presidente)	Rua João Soares, 28, 34, 37, 38
Dr. Faustino da Silva	Av. 5 de Novembro, 5
Teófilo Carlos Jamunda	Rua Bealosa, 205
Dr. João Santos Araujo	D. João Lemos, 15
Dr. Fernando Guerra	Paul Brando, 17
Dr. Hugo Cordeiro	Rua Feliza Salvato, 41, 43, 45, 47, 49
Dr. Carlos	Av. Olympe Garcia D'Aguiar, 727
Leocinda Pereira de Melo (filha)	R. José Carlos Costa, 41
Dr. Antonio Feluso Monteiro	R. Melo Alvim, 10
Dr. João Carlos Pinto	Parque de Edificação
Dr. Alberto Angelim Vieira	R. Professora Adília Cruz, 365, Est. 110
Dr. Teresinha S. Barreto	R. Tereza Salimcha, 34
Dr. Mendes Brito	R. Melo Alvim, 9
Dr. Teresinha Balthazar	R. José de Vilel Pereira, 40 — Coqueiros
Dr. José de Vilel Pereira	Jardim Cláudio Azeiteira, 34
Dr. Roberto Kal	R. Cruz e Souza
Dr. João Coelho dos Santos	R. Tereza P. dos Santos, 9
Dr. Carlos Soares Araujo	Rua Cavallotti Cruz, 60 — Estreito
Dr. Sérgio Netto	Rua Mestre Artista, 385 — Estreito
Dr. Franklin Cascaes	R. João Manoel, 51
Dr. Paulo Motor	São Jergulim
Dr. Carlos Ullrich	Laguna
Dr. Maria Jucelina Couto	Navegantes
Dr. Alex Gervard	Bomfim
Dr. João Sosa	Itaipaville

COLABORADORES

Dr. J. G. Cardoso	Florianópolis
Dr. Paulo Humberto Costa	Florianópolis
Dr. Sérgio Martins Lemos	Rio de Janeiro
Dr. Carlos Ulla Monica	São Paulo
Dr. João Falcão	Monte Carlo
Dr. João Ulla Sosa	Colina
Dr. João Sosa	Santa Alagoa